

JAIR VITÓRIA

ZEZINHO, O DONO DA PORQUINHA PRETA



Jair Vitória

ZEZINHO, O DONO DA PORQUINHA PRETA

SÉRIE VAGA-LUME

Coordenação da Série: Fernando Paixão

Capa e ilustrações: Cirton Genaro

Projeto gráfico: Ary Normanha

Suplemento de Trabalho:

Maria Aparecida Spirandelli e Marina Appenzeller

Editora Ática, 7ª edição, 1990

Revisão e Formatação: SCS

Dados Biográficos

Jair Vitória nasceu numa fazenda do Triângulo Mineiro. Seu pai era lavrador e vaqueiro, realizando qualquer tipo de trabalho nas fazendas da região.

Aos sete anos, começou o curso primário, quando mudou-se para uma cidadezinha no interior de São Paulo. Como seu pai não se adaptasse à vida de comerciante, a família voltou para o campo. Jair Vitória passou a freqüentar escolinhas de roça. Apesar de já gostar muito de ler, não tinha muitas oportunidades de fazê-lo, pois não havia livros, revistas ou jornais na fazenda.

Como seu pai tinha por filosofia que seus filhos devessem continuar a estudar, Jair Vitória voltou à escola na cidade de Cardoso, no interior de São Paulo, onde concluiu o curso primário aos dezesseis anos. Voltando novamente à roça, começou a sentir necessidade de prosseguir seus estudos. Iniciou um curso por correspondência e assim que fundaram o ginásio em Cardoso, voltou para lá a fim de completar o 1º grau. Nessa época lia sem parar. A literatura foi se transformando numa necessidade: datam desse período seus primeiros romances.

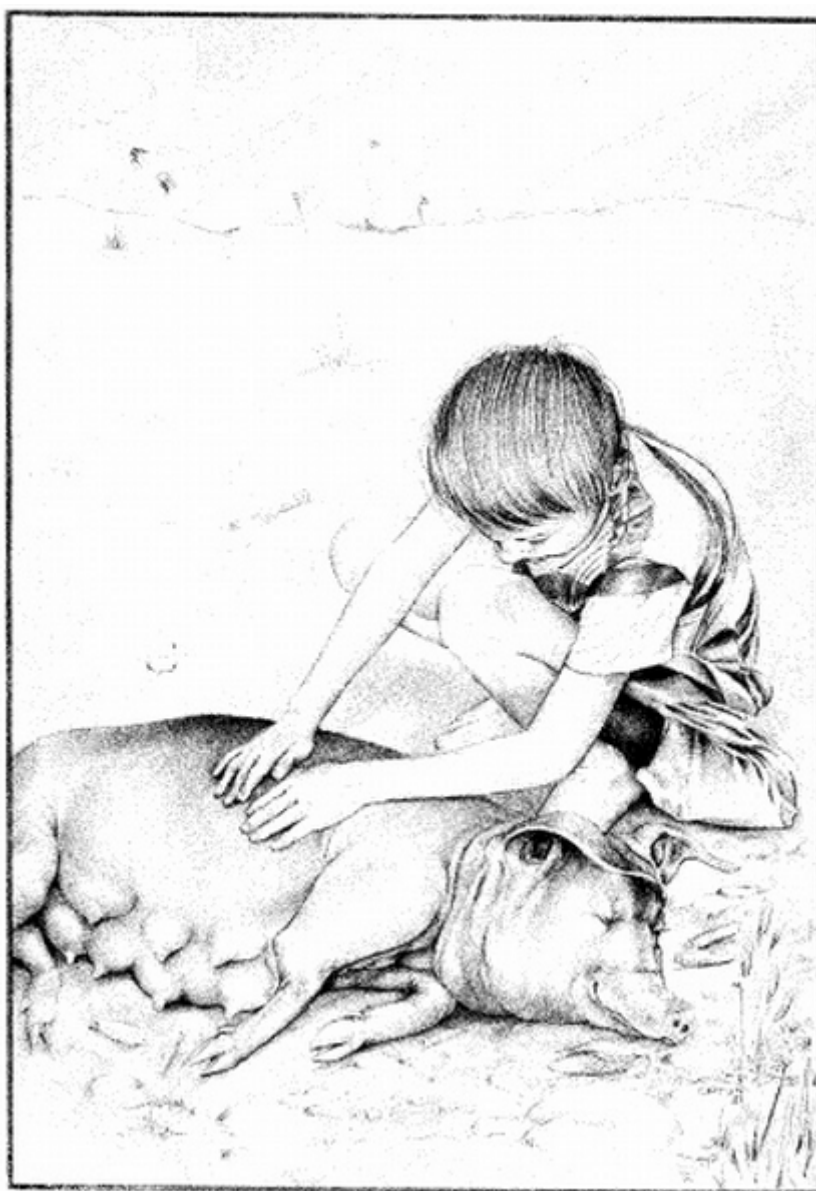
Ao terminar o ginásio, partiu para São Paulo, onde trabalhou em escritórios para completar o curso colegial. Em seguida entrou na Universidade de São Paulo onde se formou em Letras.

Atualmente, Jair Vitória é professor da Fundação Educacional de Brasília, onde reside.

* _ * _ * _ *

*Para Lucilene, minha filha, com um ano e seis meses
quando este livro foi escrito.*

* _ * _ * _ *



1

ZEZINHO chegou em casa com os olhos arregalados, olhando para o pai. Tinha acabado de receber uma notícia desagradável quando chutava uma bolinha de borracha com os colegas da fazenda onde moravam.

— Seu pai vai vender a Maninha pro papai, Zezinho.

Valtério falou isso com alegria nos olhos. Maninha era a porquinha preta que o Zezinho tinha criado desde leitoinha. A porquinha órfã tinha sido criada no quintal, dentro de casa. Tinha então se tornado mansinha feito uma cadelinha. Foi crescendo e ficando cada vez mais mansa. Zezinho gritava:

— Maninha, vem cá, Maninha.

A porquinha levantava roncando e corria para o menino. Foi sendo ensinada assim desde pequenininha. Chegava perto do menino, esfregava a cabeça ou o lombo nas pernas dele e ficava roncando. Zezinho coçava a papadinha dela, as orelhas, a barriga e roncando a porquinha deitava e se esticava. Fechava os olhos de feliz que ficava.

Assim foi que a Maninha cresceu dando trabalho dentro de casa. Fazendo travessuras. Vivia se enrolando nas pernas das pessoas e a mãe do menino chegava a fazer ameaças sérias.

— Eu mato essa leitoinha, Zezinho. Dentro de casa não é lugar de criar porco. Nem no quintal.

— Vou fazer um chiqueirinho pra ela.

— É preciso soltar isso pra larga.

— Ela tá pequenininha, mãe. Os porcos deitam em cima dela e ela morre macetada.

Maninha mamou numa mamadeira. Primeiro foi só o Zezinho a cuidar dela. Depois os irmãos e as irmãs passaram a ajudá-lo de vez em quando, principalmente a Ondina e a Olívia. Maninha foi ficando bonita. Agora ia dar cria. A barriga dela estava quase arrastando no chão.

E o pai ia vender a Maninha mesmo? Isso era uma coisa que não podia acontecer. A Maninha não era do pai! Mas o pai era durão e fazia o que bem entendesse. Costumava até dizer:

"Menino não tem querer. Menino não tem nada aqui em casa. Só tem a roupa que veste e a comida que come."

Então ele não podia discutir com o pai. Nunca discutia. Nem pensava em discutir. Nem podia expor seu sentimento. Era o pai falar e todo mundo calar.

Ficou olhando para a figura poderosa do pai. Os olhos arregalados. O pai nem parecia se importar com a figurinha dele. E ele nem tinha coragem de perguntar se o pai ia mesmo vender a Maninha para o pai do Valtério. Mas precisava abordar o assunto:

— Será quantos leitão a Maninha vai dar, pai?

— Uma meia dúzia. Mas antes de ela dar cria, eu quero é passar ela nos cobres.

Ih, o pai ia mesmo vender a porquinha antes de ela dar a primeira cria. Isso doeu por dentro parecendo até que ele estivesse respirando um outro ar. Chegava a desmoronar-se. Começou a suar diferente de quando estava jogando futebol. Estava todo oprimido. Entretanto arrancou a voz lá do fundo da alma:

— Ma-mas vender a Maninha, pai?!

— É, o Martinho tá interessado. Então a gente aproveita e tira um bom dinheiro dele.

Zezinho coçou o pescoço, o peito. Queria chorar e gritar que ele não deixava ninguém vender a Maninha. Que aquela porquinha era dele. Que ele é quem tinha criado aquela porquinha com todo o dengo. Ora, tinham deixado a

leitoinha ao abandono do frio de julho e então ele a recolheu, deu-lhe comida, amamentou-a na mamadeira e agora não podia ser o dono dela?

Arregalou os olhos para o pai novamente. No mesmo instante o pai chamou o Orlando, o irmão mais velho e falou autoritariamente.

— O quintal tá aí no mato e você mais o Zezinho só correndo atrás de bola depois do estudo. Quero esse quintal limpo logo.

Orlando estava de pé no terreiro da cozinha. O pai sentado ali num banco de madeira. Zezinho todo encabulado ali perto. O assunto importante para ele era a Maninha, mas o pai nem ligava para o fato. Ia vender a porquinha de estima dele e pronto.

Zezinho afastou-se dali decepcionado. Foi parar debaixo da figueirinha que dava sombra ao chiqueiro e ficou pensando. Precisava dar um jeito de evitar que o pai vendesse a porquinha preta. Tinha certeza que o Valtério é que tinha pedido ao pai para comprar a Maninha. Ora, o Valtério já tinha falado que gostaria de possuir uma porquinha mansinha daquele jeito; que gostaria de possuir a Maninha. E tinha falado isso mais de uma vez.

O pai do Valtério tinha condições de comprar a Maninha até por mais do que ela valia. Ele era um dos lavradores mais bem situados ali na fazenda Ipê Branco. Zezinho achava que sim.

Sentia até vontade de brigar com o Valtério. Rangeu os dentes e prometeu quase falando sozinho.

"Quebro o nariz dele até sair sangue."

O sol ia serenando os ânimos do dia. Zezinho não serenava com o acalmar da tarde. Ficava era ali isolado, triste da vida. Queria chamar a Maninha, mas até para isso faltava a inspiração. Ele que estava doidinho para ver a cria da porquinha, cuidar da ninhada com carinho, via-se destruído no seu sonho.

"Quebro o nariz do Valtério. Aquele implicante."

Os passarinhos se agitavam no costumeiro alvoroço do entardecer. Zezinho nem se lembrava do estilingue para atirar pedras nos pássaros-pretos. Estava amuado. Tinha que arranjar um jeito para evitar a venda da Maninha, sem o pai saber. Se o pai soubesse que aquele menino estava tramando alguma coisa contra o negócio, ia ser uma surra para deixar saudade sangrando de dor.

— Zezinho.

Ele virou depressa. Era a Olívia, a irmãzinha de cinco anos. Ela continuou.

— Viu só!? O papai vai vender a Maninha!

— Foi aquele Valtério bocudo que pediu pro pai dele comprar ela. Dá vontade de esbagaçar o nariz dele.

— Foi ele!?

— Foi sim. Sujeitinho ladrão. Isso é roubo. Chegou lá no campo e foi falando pra mim: "O papai vai comprar a Maninha do seu pai". Com aquela cara lambida e aquela bocona. Tava era abusando de mim. Vou pregar um soco no nariz dele pra botar sangue. Ele vai ver. Ele me paga.

— Mas ele é mais grande que você, Zezinho!

— Isso não tem importância. Eu brigo assim mesmo. Não tenho medo de ninguém.

O pai berrou nessa hora:

— Zezinho!

— Senhor — e estremeceu por dentro. A voz do pai era um trovão abalando o sentimento do menino.

— Vai ajudar o Orlando debulhar milho pros capados. Só quer viver atrás de passarinho. Uma hora eu pego esse estilingue e te prego no lombo.

Zezinho saiu apressadamente. Ordem do pai era ORDEM de verdade. Não era brincadeira. Nem era bom pensar em contrariá-lo. Correu e foi ajudar o irmão no paiol.

2

ORLANDO estava com uma cara zombeteira descascando as espigas de milho. Estava debochando do sentimento dele? Se estava.

— Andava com muita coisa com a Maninha e agora o papai vai vender ela, hein, Zezinho!?

Arregalou os olhos para o Orlando e respirou profundamente. Quis xingar e chorar, mas apenas engoliu o amargo da situação. Apanhou uma espiga de milho e começou a debulhar sem dizer nada. O irmão continuava azucrinando a sensibilidade dele.

— Agora eu quero ver você dizer que a Maninha é só sua.

Continuou trabalhando e rangendo os dentes. O milho debulhado ficava uma noite ou mais de molho na água para os porcos de engorda. O pai dizia que aquele milho engordava mais depressa. Zezinho achava que aquilo era somente para dar trabalho aos filhos.

— A cara dele. Tá até com o nariz vermelho.

— Eu te tacho uma espiga dessa na cara, Orlando.

— Ih, o papai vem vindo ali.

Silenciaram e ficaram bonzinhos. O pai vinha chegando, pigarreando. Entrou no paiol, apanhou meio jaca de milho com palha e tudo e sem dizer nada foi jogar para os porcos magros que viviam soltos.

Orlando soltava aquelas risadinhas debochadas olhando para a cara do irmão. Zezinho não levantava a cabeça. Estava com um nó na garganta, enfezado, o nariz até meio vermelho.

O pai soltou uns gritos fortes chamando os porcos magros para o chiqueiro e os animais correram grunhindo, roncando. Ouviram o pai batendo espigas nas lascas da cerca e lançando no chiqueiro. Algumas galinhas ainda correram e foram bicar grãos.

— É preciso tratar desses porcos mais tarde por causa das galinhas. Bicho praguejado.

Ouviram o pai ralhando. Orlando azucrinava o irmão.

— Então o Valtério tá te tomando a Maninha, Zezinho!?

— Vai amolar os porcos — Zezinho quase gritou.

— Cuidado que o papai tá ali. Se ele escutar, te pega e dá uma surra.

Zezinho continuou o trabalho. Tinha que dar um jeito de evitar a venda da Maninha. Ia dar um jeito. Levasse ou não uma sova ou até mais, mas a porquinha preta não seria vendida com facilidade. Senhor Martinho era um homem bom e tinha certeza que se pedisse ao pai do Valtério para não comprar a Maninha, ele ia atender. Mas tinha de pedir também que ele não contasse nada ao pai. Era isso mesmo.

— Já chega, Zezinho.

Levantou dali e foi olhar os porcos. Era a boquinha da noite. Viu a Maninha surgir dos matos, amojada, arrastando as tetas no chão. O pai estava olhando os cinco porcos de engorda, um pouco para cima.

— Maninha, Maninha.

A porquinha correu para o menino, roncando. Zezinho abaixou e afagou as orelhas dela. A porquinha foi se esticando. O menino cocou a papada dela e depois a barriga. Maninha deitou beirando a cerca e deixou ser afagada. Fechou os olhos e ficou toda feliz.

— O papai tá querendo te vender pro seo Martinho, Maninha.

"Ronc-ronc-ronc."

— Mas eu não vou deixar. Vou dar um jeito de esconder você no mato. Acho que vou fazer um chiqueirinho pra você lá no meio do mato bem longe e ninguém vai achar.

"Ronc-ronc-ronc."

— Não vai ter perigo de bicho não. Você vai dar cria lá. Todo dia eu vou lá escondido do papai pra levar comida pra você.

— Zezinho.

— O que foi, Olívia? Vai pra lá.

— Tá conversando com a Maninha? Tá falando o quê?

— Não é do seu nariz.

— Eu quero é te ajudar, Zezinho. Eu não quero que vende a Maninha de jeito nenhum. Vou falar pro papai não vender.

— E você tem coragem?

— Eu falo que foi você que mandou.

— Fala isso pra você ver! E depois, quem vai apanhar?

Olivinha coçou o braço esquerdo. Depois abaixou-se e começou a coçar a barriga da porca.

— Ela vai dar cria logo, né Zezinho?

— Vai.

— Por que você não põe ela no quintal?

— O papai não quer deixar.

— Por quê?

— Disse que vai fuçar nas mandiocas e vai querer só ficar dentro de casa que nem quando era leitoinha.

— E no mato o guará não come os leitãozinho, se achar?

— E não é só o guará não. É cachorro-do-mato, cachorro de casa. Mas a Maninha não vai deixar.

— Será que o papai vai vender ela antes de ela dar cria?

— É... Acho que sim.

Maninha ficou sozinha no escuro. Tinha a cor da noite e às vezes roncava pertinho e não era vista no escuro. Zezinho foi para dentro um tanto amolado da vida. Nada havia que o fizesse rir naquela hora. Ser menino era dolorido e triste. Por que já não era homem? Demorava tanto a crescer! Onde já se viu não ter o direito de defender um animal criado por ele!

A mãe notou a tristeza desenhada no rosto dele. Sabia que estava sofrendo, pois tinha um sentimento de se ligar muito às coisas e depois não saber se livrar delas.

Olivinha, na sua inocência de criança, falou ali na cozinha quando o pai acabava de pegar um prato de esmalte e caminhava para o fogão a fim de jantar:

— Pai, o Zezinho falou que não vai deixar o senhor vender a Maninha.

— O Zezinho!? O Zezinho não manda nem na comida que ele come. Então agora é que eu vou vender aquela porca mais depressa. Menino não é dono de nada. Não tem querer. Se o Zezinho pegar com muita coisa, ainda leva uma coca.

Zezinho se defendeu:

— Eh, Olivinha que inventa as coisas! Não falei nada disso.

— Falou e falou sim.

A mãe entrou no assunto:

— Pra que vender a Maninha, Odilo?

— Pra quê, Leonor? Pra fazer negócio. Uma porquinha à-toa. Pequena demais. E o Martinho parece que vai dar um bom dinheiro por ela. Daí eu compro duas do tamanho dela.

— Mas é a porquinha de estima dos meninos.

— Que estima!? A gente estima coisa boa.

— Ela é mansinha.

— E isto é qualidade?! Mansinha eu só gosto de vaca. Porca é pra encher o terreiro e dar bom peso.

Zezinho torcia para a mãe conseguir convencer o pai de não vender a Maninha. Viu que a mãe estava perdendo, mas pelo menos acabava de descobrir que

a mãe estava do lado dele e poderia ajudá-lo. Ah, ia pedir a ela que tentasse de todo jeito evitar que o pai vendesse a Maninha. Sabia que o pai sempre gostava de contrariar a mãe, mostrando que não aceitava opinião de ninguém em casa, mas talvez ela conseguisse alguma coisa agora.

3

A NOITE desenhou-se inteirinha empenhada de estrelas. Zezinho foi para o quarto e se aninhou no colchão de palha de milho. Ouviu o vento da noite assobiando nos beirais da casa de barrote, trazendo o cheiro dos matos. Era naquela hora que ele mais pensava na perda da porquinha de estima. Chegou a balançar a cabeça sobre o travesseiro. "Não pode..."

Chiquinho, o irmão abaixo dele, entrou no quarto arrastando uns chinelões feitos de botinas velhas.

— Zezinho.

— Hun!

— Então o papai vai vender a sua porquinha mesmo?

— Eu não tenho nada. Não tenho porquinha e nem nada.

— Mas a Maninha não é sua?

— Menino não tem nada no mundo. Nem adianta criar nada. Nada, nada. Na hora de criar e tratar todo dia é da gente, mas depois a gente não tem mais direito.

— É mesmo. Até o papai mesmo já falou que a Maninha era sua. Eu já escutei.

Zezinho não respondeu. Estava molhando o travesseiro com umas lágrimas que vinham da fonte da sensibilidade.

— Mas isso não pode, Zezinho. Ouviu os soluços do irmão.

— Fica aí chorando não. Quem sabe ele não vende nada. Pode ser só prosa.

— E o Valtério não falou pra mim não!?

— Aquele Valtério é um velhaco.

— Foi ele. Eu vou dar uma pedrada de estilingue nele sem ele ver.

— Logo agora que a Maninha vai dar cria, hein! Decerto vai ser uma ninhada bonita. Tudo pretinho. Será que não? Será que vai nascer algum piauzinho? Acho que não. Vai ser tudo da cor dela. O cachaco é preto.

Zezinho sentiu o nariz entupido. Parou de verter lágrimas e se pôs a trabalhar com o pensamento. Chiquinho que continuasse falando sozinho. Ele não queria ouvir ninguém e nem conversar. Queria somente pensar como arranjar uma saída para evitar a venda da Maninha.

"Vou conversar com o seo Martinho amanhã. Não. Acho que não. Acho que vou é fazer um chiqueiro pra Maninha no mato. Mas não tenho tempo. De manhã é o tempo inteiro na escola. De tarde é pra capinar o quintal."

— Zezinho! Já dormiu?

— Ah, Chiquinho, vai amolar os cachorros. Chiquinho silenciou e o Zezinho dormiu, embora insistisse em continuar pensando numa solução para evitar que a porquinha fosse vendida.

E sonhou que ia tocando a porquinha por uma estrada que parecia não ter fim. Ia conversando com a Maninha e ela roncando na frente dele:

"Caminha, Maninha. Pra bem longe. Vou te esconder do papai. Vira pra trás não, sô. Anda, caminha."

Depois a estrada se perdia num nevoeiro e o dia virava noite e a Maninha sumia no escuro. Tudo parecia se desfazer em nada mesmo. Menino não era dono de nada. Estava tudo confirmado.

Acordou de madrugada, antes que o pai levantasse. De imediato sentiu-se às voltas com o problema. Era preciso começar a urdir alguma coisa muito séria. Será que o pai ia logo para a roça ou ia à casa do seo Martinho concluir o negócio?

Logo o pai pulou da cama e pigarreou. Aquele homem nunca levantava com o dia já claro. Nem aos domingos. E punha todo mundo de pé. Ali ninguém podia ficar na cama até o sol sair.

Zezinho pulou da cama logo também e descalço foi para o terreiro.

— Vai pôr milho pros capados, Zezinho. Cadê o Orlando? Já levantou?

— Não senhor.

— Orlando!

Orlando ouviu o estrondo da voz do pai e já sabia que devia pular logo da cama. Saiu apressado do quarto.

— Senhor!

— Depois da escola você vai pra roça me ajudar. Deixa só o Zezinho e o Chiquinho capinando o quintal.

— Sei.

Zezinho arregalou os olhos contra a figura poderosa do pai. Queria saber é se naquela manhã o pai iria terminar o negócio com o seo Martinho. Mas não ousava perguntar. Sentiu que se tocasse no assunto, o pai seria capaz de ir terminar o negócio logo só para mostrar que fazia o que bem entendesse.

Seo Odilo saiu logo de casa e realmente se encaminhou para a casa do seo Martinho. Ia tentar concluir o negócio.

— Martinho.

A mulher do homem respondeu:

— Foi pescar, seo Odilo, e pousou por lá. É pra quê?

— É sobre o negócio de uma porca que ele quer me comprar.

— Então depois eu falo pra ele ir lá.

— De tardinha ou de noite.

Seo Odilo foi para a roça e os filhos Orlando, Ondina, Zezinho e Chiquinho saíram logo para a escola. Descalços. Carregando os cadernos nuns embornais de alças longas. Estudavam todos de manhã pois a escolinha da roça funcionava somente naquele período.

Zezinho carregava seu descontentamento e sua preocupação. Quando voltasse da escola, podia ser que até já tivessem levado a Maninha e então é que ia ser triste. Caminhou um pouco e ficou para trás. Ia voltar correndo para pedir à mãe que desse um jeito de convencer o pai de não vender a Maninha.

— Mãe.

— Ainda tá aqui, Zezinho?

— Vim aqui depressa pra conversar com a senhora sem ninguém perto. É pra senhora dar um jeito de fazer o papai não vender a Maninha, mãe. Se a senhora pedir de todo jeito, é capaz que ele não vende.

— Daí sim é que ele vende, Zezinho. Sabe que ele é cabeçudo. Faz negócio errado só pra contrariar a minha opinião. Vai pra escola e deixa de encabular com a Maninha. Você cria outra leitoa e amansa que nem ela.

— Mas amansar pra ficar gostando dela pra quê, se depois o papai pega e vende? Essa vida de menino não presta mesmo não.

— Vai logo pra escola.

Coçou a cabeça e saiu correndo. Alcançou os irmãos antes da escola. Alguns meninos, entre os quais o Valtério, já estavam na frente da escolinha de tábuas. Zezinho tremeu ao ver aquele menino. Tentou não ficar perto dele, mas o outro se aproximou.

— Já tá conformado de vender a Maninha, Zezinho?

— Tão querendo é roubar ela de mim...

— Quem tá querendo roubar?

— Gente por aí... Malandro...

— Quem é malandro?

— Gente por aí... Já falei.

— Meu pai não é. Meu pai tá comprando a Maninha porque o seu pai ofereceu pra ele. E eu tou achando bom. Vou criar ela com os leitãozinho dentro do quintal lá de casa.

Zezinho tremeu de novo. Quando ia xingar o Valtério, dona Vanda, a professora, vinha chegando. A vontade dele era dar um murro no nariz do outro.

Dona Vanda abriu a escolinha e chamou os alunos:

— Vamos começar a aula, pessoal.

A escolinha era acanhada. Os bancos eram longos e de três a quatro alunos sentavam em cada um. Zezinho sentava no mesmo banco do Valtério. Naquele dia ficou para trás. Dona Vanda advertiu-o.

— Zezinho, vem pra frente. Os menores na frente. O Valtério pode sentar no banco de trás. Ele é maior.

Zezinho obedeceu contra sua vontade. Felizmente o Valtério não estava no mesmo banco, embora estivesse respirando ali pertinho. Agora o Valtério não era mais seu amigo. Era o inimigo maior.

Dona Vanda distribuiu os deveres. Zezinho tinha que resolver três probleminhas que eram praticamente três continhas: duas de somar e uma de subtrair. Garatujou os exercícios e ficou sem disposição para resolver. Mordeu no pé do lápis e ficou pensando na porquinha preta.

— Ainda não fez nada, Zezinho! Não escreveu nem um número!? Você é tão inteligente e esperto! O que foi?

Valtério interveio:

— Ele tá brabo porque seo Odilo tá vendendo a porquinha de estima dele pro meu pai.

— Uma porquinha!?

— Não é nada não, dona Vanda. Esse cara é um mentiroso malandro. É um invejoso. Não pode ver nada que os outros têm, que quer tomar.

— Ah, vamos deixar esse caso de porquinha de lado e vamos estudar. Isso vocês vão discutir depois da aula. Todo mundo trabalhando.

Zezinho voltou-se para as continhas. Tentava, mas não conseguia se concentrar direito. Estava todo sentido por dentro. Não era mais que uma criaturinha borbulhante de queixumes. Somava os números e o resultado era a porquinha preta. Rangia os dentes. Resmungava baixinho. Queria mesmo era levar a Maninha para bem longe. Atravessar o rio com ela e soltá-la do outro lado e que ninguém desse mais notícias dela. Finalmente conseguiu fazer as continhas, nervoso que até respirava com dificuldade.

4

ASSIM que saiu para o recreio, ouviu o Valtério dizendo:

— O papai foi pescar ontem. Pousou na beira do rio. Mas eu acho que hoje de tarde ele vai lá na sua casa comprar a Maninha, Orlando.

Zezinho fungou, piscou miudinhamente e entrou nos matos. Um colega se aproximou dele:

— Então seu pai tá vendendo a sua porquinha de estima, Zezinho?

— Aquele Valtério que pediu pro pai dele comprar ela. Só de inveja. Ficou com inveja porque não conseguiu amansar uma porquinha que nem eu amanei e deu em cima do pai dele pra comprar a minha.

— E por que o seu pai vai vender?

— Porque o pai dele tá dando muito dinheiro. E o papai tá querendo comprar duas ou três do tamanho dela ou maior.

Agora o Zezinho queria saber se o pai do Valtério estava em casa. Estava pensando mesmo em fugir da escola a fim de ir encontrar com o seo Martinho e pedir-lhe até pelo amor de Deus que não comprasse a Maninha. Talvez fosse o melhor momento. Seo Martinho tinha ido pescar e já podia ter voltado. Mas se fosse encontrar com o homem, que desculpa iria dar depois para tentar entrar atrasado na escola? Dona Vanda não iria permitir isso. Certamente o Orlando ia contar em casa e depois ele iria tomar uma surra.

"O Zezinho tinha fugido da escola..."

E ele até gostava de estudar. Não podia mais fugir. Dona Vanda estava ali chamando os alunos para o segundo tempo da aula. Mas não se conformava. Tinha que fazer alguma coisa. Tinha que lutar.

Ficou aborrecido até terminar a aula. Quando deixou a escolinha, deu logo um jeito de desaparecer. Fugiu de todo mundo e se pôs a correr. Ia à casa do Valtério conversar com o pai dele antes que os meninos chegassem. Valtério tinha mais um irmão e uma irmã que não estavam na escola ainda.

— Dona Odete, o seo Martinho tá aí?

— Tá não, Zezinho. Foi pra cidade. Por quê?

— Eu só queria saber se ele pegou muito peixe. Falaram que ele pegou um jaú do tamanho de um homem e eu queria ver.

— Pegou jaú nenhum não. Quem falou isso mentiu. Pegou só piracanjuba e foi vender na cidade.

— Ah, sei.

Zezinho afastou-se às pressas e foi pelo trilho, encoberto pelos matos, pensando na porquinha. Chegou ao córrego e viu alguns porcos rolando na lama.

— Maninha! Maninha!

A porquinha não deu sinal que estava por ali.

"Será que ela já deu cria, gente? Acho que não."

Agora se embaraçava em outros pensamentos. Tinha que trabalhar no quintal, mas imaginava arranjar um jeito de esconder a porquinha preta. Não tinha conseguido encontrar o seo Martinho e à tarde, quando o pai voltasse da roça, certamente iria passar pela casa do homem e concluir o negócio e adeus porquinha. Chegou até a inventar maldade para acabar com a porquinha de estima. Mas a Maninha não merecia morrer.

Atravessou o córrego por uma pinguela e correu atrás de uma saracura magra.

"Ah, se eu estivesse com o meu estilingue."

Costumava levar o estilingue para a escola no embornal dos cadernos, mas a dona Vanda tinha visto e não tinha gostado. O jeito era deixar a arma escondida no mato e depois da saída, durante o caminho de volta, ir atirando pedras nos passarinhos.

Maninha estava deitada debaixo da figueirinha. Dormindo e soltando um ronquinho de criatura gordinha.

— Maninha! Maninha!

A porquinha roncou e levantou a cabeça. Olhou para o menino e fez algum esforço para se levantar.

— Levanta não, Maninha. Fica aí mesmo, sô. Zezinho andou depressa na direção da porquinha que se pôs de pé e ficou roncando. O menino pôs a

(Faltam as páginas 24 e 25 do livro.)

Carregar as duas ferramentas estava pesado e incômodo para ele. Conhecia bem os matos por ali. Pegou um trilho no capoeirão e foi se embaraçando nas ramagens, nos cipós. De vez em quando colocava as ferramentas no chão e descansava.

"Faço o chiqueirinho e ainda vou capinar um pouco. Se o papai falar que a gente fez muito pouco serviço, falo que estava com dor de cabeça. Isso mesmo."

Foi parar na grota que, em certos trechos, tinha valas fundas. Descansou ali beirando e acabou por decidir que o melhor lugar para esconder a Maninha era num chiqueirinho no fundo da grota. Havia lugares onde ele precisava apenas fazer a cerca de um lado. Pegou o enxadão e desceu num lugar mais fácil.

A grota era feia. Havia lodo amarelo e seco nos barrancos. Buracos de cobras, lagartos e antigas locas de paca. Zezinho caminhou grota acima. Havia trechos arenosos. Havia pirambeiras, ciscos de enchentes. Não era um lugar agradável.

"Eu podia ter chamado os cachorros..."

Trabalhou com o enxadão e limpou uma passagem, um pouco entupida por gravetos e folhas.

— Nossa Senhora!

Foi uma cobra rajada que deslizou grota acima e sumiu. Zezinho parou. E agora para continuar subindo dentro da grota, procurando um lugar melhor para fazer o chiqueirinho? Aquela cobra rajada devia ter parado logo ali na frente. Lugar feio! O jeito era sair e procurar um outro trecho menos esquisito. Saiu e caminhou beirando grota abaixo.

"Ali é bom. É um painelão. Faço a cerca só do lado de baixo. Pra cima ela não sobe. Desço com ela aqui e fecho lá."

Escolheu o lugar para fazer o chiqueirinho e decidiu cortar os paus. O melhor era procurar paus caídos e moles. Ele não dava conta de cortar madeira dura com o machado. Saiu procurando troncos curtos. Conseguiu juntar alguns. A cerquinha dele era também muito fácil. Se juntasse alguns paus ali, estava cercado o chiqueirinho. Fincou duas forquilha finas nos extremos e colocou uma vara. Praticamente encostou os paus ali, não cavando quase nada na areia.

"Tá pronto. Vou trazer a Maninha pra cá é hoje mesmo. Preciso trazer ela antes do papai voltar da roça e passar lá no seo Martinho pra vender ela."

Mas o tempo já tinha corrido um bom pedaço da tarde. Em casa a mãe perguntou por ele. Ondina respondeu:

— Foi caçar passarinho.

— O Zezinho não toma jeito mesmo. O pai mandou ele capinar o quintal e ele foi caçar passarinho. Sabe que o pai bate à toa e fica facilitando.

Chiquinho falou se desculpando.

— Ele sumiu e eu não capinei também não.

— Faz a sua parte, Chiquinho.

Chiquinho foi para o quintal, mas ficou desanimado diante de tanto serviço. Encostou a enxada num pé de mandioca e foi chupar cana e brincar. Estava na idade de brincar.

6

O CHIQUEIRINHO estava pronto. Chiqueirinho ou imitação? Lá do alto do barranco da grotinha Zezinho olhou para a geringonça que tinha feito.

"Será que a Maninha pára lá dentro? Ah, acho que sim. Ela é mansinha e vai me obedecer."

Tirou do bolso o embornal de carregar pedras de estilingue. Decidiu apanhar algumas pedras ali perto. Olhou para o fundo da grotinha novamente e achou que ninguém iria encontrar a porquinha dele escondida lá no fundo. Ninguém iria ter a idéia de olhar lá. Era um lugar bem escondido. Havia algumas ramagens cobrindo o painel e ninguém iria pensar que a Maninha pudesse estar lá no fundo.

"Só espero que ela não faça barulho e nem ronque quando gente de casa passar aqui perto."

Caminhou beirando a grotinha e um pouco para baixo deu com a pedreira já conhecida dele. Ali havia fartura de pedras para o estilingue. Olhou para as pedras espalhadas e veio a inspiração para caçar passarinho. Isso era uma das coisas que ele mais gostava de fazer.

Ficou de cócoras e foi selecionando as melhores pedras. Quando achou que já tinha apanhado o suficiente, levantou e foi beber água suja nuns poços ainda mais para baixo. Um inhambu gordo correu pelo trilho. Zezinho se alertou e se preparou para atirar a primeira pedra. O inhambu deixou o trilho e entrou no mato. O menino foi com passos de gato, os olhos arregalados, esperando que a ave tivesse deitado ali perto. E tinha mesmo.

"É agora."

A pedra passou pertinho da cabeça da ave que encolheu ainda mais. Zezinho ficou todo afobado. Precisava matar um inhambu. Seria a sua glória de caçador. Nunca tinha conseguido matar um inhambu. Tinha depenado e quebrado as pernas com pedradas, mas matar mesmo, ainda não. O Orlando sim, já tinha matado um. E menino que ainda não tinha conseguido matar

inhambu com pedrada de estilingue, ainda não era considerado um caçador feito. Zezinho andava tentando. Precisava matar e era agora.

A segunda pedra passou de raspão nas penas da ave que voou uns dez metros e o menino disparou atrás dela. Agora o inhambu corria um pouco e parava. Zezinho estava afobado. Atirava de qualquer jeito. Se matasse aquele, queria mostrar para os colegas. Valtério que era mais velho que ele também não tinha matado um inhambu com o estilingue. Tinha pego na arapuca, mas com pedra de estilingue ainda não tinha feito a proeza.

Queria matar aquele inhambu e mostrar ao Augusto, ao Zé Preto, ao Antônio Roxo, ao Cabinho, ao Zequito e o Valtério devia ficar sabendo também. Agora era caprichar nas pedradas, mas não conseguia. Soltava disparos adoidados, fazia barulho nos matos e o inhambu continuava correndo. A ave não voava e o menino ficava até admirado. Então era mesmo aquele inhambu que devia morrer com uma pedrada atirada por ele. A ave rabicó procurando se esconder na invernada e o menino atrás.

— Ai.

Um espinho de veludeiro entrou no pé descalço dele. Puxou o espinho seco às pressas e continuou a perseguição. Às vezes o inhambu se distanciava, mas o menino ouvia o barulho da carreira dele nos gravetinhos e folhas secas.

Houve um bom trecho de terreno em que o menino apenas perseguiu a ave sem conseguir disparar uma pedra sequer, mas sempre vendo a caça ao longe. Naqueles momentos de perseguição mais aflita, ele esquecia que estava com sede e nem percebia o sol quente.

O inhambu fugia mais ou menos beirando a grotá. Escondeu-se numa espessa moita enfeitada por cipó--prata e se aninhou. Zezinho rodeou a moita negaceando. Viu o bico roxo dele. Viu a cabecinha e os olhos arregalados. Apontou na cabeça. A pedra furou folhas e acertou na asa direita. O inhambu deu um pulo e não conseguiu voar. Estava com a asa quebrada.

Zezinho deixou o estilingue no chão e partiu para pegar a ave que não conseguia voar, mas conseguia correr muito. Consertava a asa caindo e corria. O menino chegou a se lançar sobre a ave que fugiu batendo a asa perfeita e arrastando a quebrada.

E nisso foi mais um naco de tempo. Quando estava pega-não-pegá, o inhambu entrou numa larga moita de gravata com longas folhas duras armadas de espinhos. Zezinho parou. O inhambu se aninhou lá no meio.

— Mas eu te pego, fujão.

Falou alto e começou a examinar as possibilidades de entrar na moita. O jeito era arranjar um pedaço de pau e ir macetando as folhas para fazer um caminho sem se ferir muito nos espinhos. Ora, já estava bastante machucado de tanto correr e se arranhar nos matos.

Começou a procurar um pau. Encontrou um cerne de aroeira um pouco estragado por incêndio e habitado por algumas formigas cabeçudas. Bateu o pedaço de pau no chão, espantou as formigas e depois achou que já podia trabalhar.

"Ah, vou buscar meu estilingue. Esse inhambu não vai sair daqui agora tão cedo."

Voltou depressa e conseguiu achar o estilingue e o embornal com algumas pedras. O pé espinhado estava doendo, mas não havia de ser nada. Andou ao redor da moita de gravata e conforme sua experiência, achou que o inhambu estava aninhado lá no meio. Começou a macetar as folhas do gravata, parando de vez em quando para observar. Descobriu o inhambu aninhado, a cabeça um pouco virada para baixo, os olhos meio fechados. Tinha perdido muito sangue e estava alquebrado.

Zezinho se entusiasmou. A alegria dele era a morte do outro. Parecia que a ave estava quase desmaiada, mas não era bom confiar. Atirou uma pedra bem de pertinho e acertou no pescoço dela. O inhambu rolou. Era a glória. Agora só precisava mostrar para os colegas.

Apanhou a ave e saiu afoitamente. A casa mais próxima era do Zé Preto. Deixou o machado e o enxadão lá perto do chiqueirinho e correu para mostrar a ave que tinha matado.

7

OUVIU gritos de meninos tomando banho no poço do córrego. Havia uma turminha: o Felício, o Augusto, o Cabinho, Zé Crioulo e o Valtério. Zezinho chegou todo orgulhoso.

— Olha o inhambuzão que eu matei, Felício!

— Você!?

— Eu mesmo. Olha como eu tou com as pernas cheias de espinhos de correr atrás dele! Quebrei a asa dele e depois tive de correr atrás dele quase uma légua!

— Quase uma légua?!

— Foi. Na invernada inteira.

— Vai mentir pra lá, Zezinho!

— Que mentira que o quê, sô.

Valtério também chegou perto para ver a caça. Zezinho observava o jeito do outro que nada dizia, mas mostrava estar com inveja. Falou alto, engrossando a voz.

— Agora eu quero matar uma juriti e uma pomba do ar.

— Você dá conta de matar pomba do ar nada, moleque. Pomba do ar não vai deixar você chegar perto dela nunca e de longe você não tem força pra dar uma pedrada pra derrubar uma pomba.

— Eu fico escondido debaixo de uma árvore e ela assenta pertinho. Agora eu vou é dar um mergulho também.

Tirou a roupa e se lançou de prancha no poço. Mergulhou feliz da vida e saiu lá na frente, soltando o fôlego borbulhante. Era bom no nado. O inhambu em cima da roupa no barranco. Nadou um pouco. Mergulhou de novo.

— Vamos brincar de jacaré, pessoal.

— Vamos.

Zezinho olhou para o sol e estremeceu. Lembrou-se do pai. Tinha que ter trabalhado um pouco no quintal, nem que fosse um pouquinho para tentar enganar. O sol já estava baixo e era preciso ir para casa depressa. E o enxadão e o machado? Nossa! Tinha saído tão afoitamente com o inhambu caçado que tinha esquecido as ferramentas lá beirando a grotta. E não queria levar a porquinha ainda naquele dia para o chiqueirinho do esconderijo? Será que ainda dava tempo?

Olhou para o sol novamente. Os colegas insistiam para que ele brincasse de jacaré.

— Tenho que capinar o quintal.

— Deixa isso pra amanhã, Zezinho.

— O papai mandou hoje.

— Então deixa ele ir embora — Cabinho falou. — O pai dele é brabo demais. Dá cada surra que fica vergão. Eu já vi ele batendo nos meninos. No Zezinho mesmo. O Zezinho esperneava que dava até medo na gente.

Zezinho vestiu a calça curta com o corpo molhado. Vestiu a camisa e apanhou o inhambu. Nisso os colegas começaram a brincar de jacaré. O jacaré tinha que pegar os outros. Aquele que saísse fora d'água correndo do jacaré, passava a ser o bicho. Quem fosse pego no poço, também virava o jacaré.

Gritavam, nadavam, corriam dentro d'água que era uma festa. Zezinho se entusiasmou. A brincadeira estava gostosa demais.

— Vou brincar também. Mas só um pouquinho.

— Então vem logo.

Tirou a roupa depressa e foi correr do jacaré. Esqueceu que o Valtério estava se tornando seu inimigo e dentro do córrego teve que persegui-lo ou ser perseguido por ele. A brincadeira era tão boa que momentaneamente ele esquecia da porquinha preta, da rixa com o Valtério e do medo do pai.

— Agora eu vou embora. Não brinco mais.

Hora dessa o sol já adormecia no entardecer. Zezinho vestiu a roupa apressadamente e naquele instante achou que a vida era uma coisa muito séria. Tinha que correr para casa, pegar a enxada e capinar um pouco. Esqueceu de pensar no machado e no enxadão, mas pensou que devia ter levado a Maninha para o chiqueirinho-esconderijo na grotta. Hoje não dava mais tempo. Ih! Só amanhã.

Correu para casa. O pai e o Orlando tinham voltado mais cedo da roça. O homem queria consertar a cerca de um chiqueiro e andava que era um bicho feroz de enfezado. Tinha procurado o machado e o enxadão. Falaram que o Zezinho tinha sumido com as ferramentas. Achavam que ele tinha ido pescar e levado o enxadão para arrancar minhoca; ou então tinha ido procurar mel com o machado.

— Zezinho!

A voz do pai o atingiu feito um raio. Viu aquele homem bufando de raiva ali na frente dele, os olhos até chamejando. O grito do pai estrondou de tal forma que o menino soltou o inhambu. Tremeu dos pés à cabeça,

— Fez o serviço que eu mandei, Zezinho?!

— Não senhor, pai.

— Tava andando com molecada, nadando, caçando e pescando, né? Eu vou te ensinar como é que anda à toa por aí. Cadê o enxadão e o machado?

— Tá lá no mato, pai. Eu já vou buscar.

— Agora você vai é entrar no couro.

E já foi tirando o cinturão. Quando via o pai puxando o correião daquele jeito, tremendo de raiva, a surra não era brincadeira. Ia ser fogo. O pai não perdoava. Fugir era uma coisa que não devia nem pensar. Só se fosse para nunca mais voltar em casa.

— Não, paizinho, vou capinar agora.

— Aqui o seu capinar, Zezinho.

A primeira lambada estalou nas pernas. Zezinho pulou e acudiu com as mãos. A segunda guascada atingiu as mãos dele e para aliviar a dor, levou as mãos à boca. Mas o pai não dava tempo de ele acudir a dor. As lambadas eram rápidas e terríveis. A dor andava das costas às pernas.

— Não, papaizinho do céu! Papaizinho do céu, não me bate não!

— Você não vai mais fazer o que eu mando, Zezinho?

— Vou sim, vou paizinho. Vou sim.

— Aqui, ó, pra você fazer o que eu mando. Isso é pra você lembrar de fazer o que eu mando.

— Eu faço sim, papaizinho. Papaizinho do céu! O senhor me mata.

O homem avisava e guascava o correião. Quando soltou o menino, gritou:

— Vai buscar o enxadão e o machado onde você deixou e depressa.

— Eu vou sim, papaizinho.

Deixou o inhambu caído no meio dos matos rasteiros onde estava e saiu adoidadamente. As pernas, o traseiro e as costas ardiam de dor. Ele tinha se molhado todo. Foi soluçando pelo trilho, enxugando as últimas lágrimas na camisa. Parou. Passou a mão direita nas pernas. Ali estavam os rastros doloridos do cinturão. Sentiu revolta contra o pai. Pensou em seguir por aquele trilho e ir embora, sumir. Não era mesmo bom ser menino.

O sol já tinha se escondido. Escurecia. Os inhambus trilavam se aninhando nos pousos ou ainda procurando um lugar onde pudessem passar a noite. Um inhambu correu pelo trilho. Zezinho ainda se lembrou do estilingue. Na hora da surra tinha deixado tudo no chão; inhambu caçado, estilingue e embornal de pedras.

A capoeira começava a adormecer. Zezinho e a natureza. A solidão saía de entre os ramos. O menino andou depressa. Ainda estava claro quando chegou onde estavam as ferramentas.

"Quando eu crescer, vou embora de casa."

Sentia o corpinho dolorido, macetado. Não estava gostando do mundo naquele momento. Toda vez que apanhava, passava a estar contra tudo.

"Mas a Maninha ele não vende. Se ele vender, eu mato ela. Dou veneno pra ela. Vou pegar aquele Valtério e dar um murro no nariz dele pra tirar sangue."

Apanhou as ferramentas e começou a voltar para casa. Queria mesmo é ser homem para poder viver sem ser mandado por ninguém. Ser homem é que era bom, pois não apanhava de ninguém e nem era mandado pelos outros.

Sentiu as ferramentas pesando nos ombros, mas não podia demorar. O pai estava tão enfezado que podia até dar outra surra nele. Ramagens batiam nas suas pernas doloridas. Havia uma tristeza revoltada trabalhando no coraçãozinho dele de modo que achava a vida uma coisa ruim.

Aproximou-se de casa um tanto assustado. Já estava escuro. Pôs as ferramentas no paiol e de repente o pai trovejou ali pertinho de novo.

— Agora você vai debulhar milho sozinho pros capados.

Ele quase caiu sentado de susto. Ficou trêmulo. Os olhos arregalados. O coração zabumbando no peito.

— E amanhã eu vou deixar uma tarefa pra você no quintal. Se eu chegar da roça sem você ter terminado, vai ser outra surra.

Felizmente o pai se afastou com passos fortes. Zezinho sentiu que estava com fome, entretanto o melhor era trabalhar. Começou a descascar as espigas de milho.

Olivinha apareceu. Espiou com uns olhinhos fraternos.

— Ele te bateu muito, Zezinho?

Não respondeu. Continuou debulhando o milho. Ora, todo mundo tinha visto que ele tinha levado uma surra dos diabos. Que pergunta mais debochada era aquela. Mas Olivinha não estava debochando dele. Estava era com pena. Entrou no paiol, apanhou uma espiga e começou a debulhar. Ondina apareceu com uma lamparina acesa, mandada pela mãe.

— Por que você sumiu o dia inteiro, Zezinho?

Nem olhou para a Ondina e nem respondeu. Estava revoltado. Não queria conversa com ninguém. Fez todo o serviço sem responder nada. Depois de colocar o milho de molho no cocho, foi apanhar o inhambu, o estilingue e o embornal com algumas pedras.

ENTROU em casa com aquele jeitinho taciturno. O pai estava conversando com um vizinho na sala. Ainda bem. Ele entrou pela porta da cozinha carregando o inhambu já duro. Ondina foi quem viu a ave.

— Matou um inhambu, Zezinho?

Não respondeu. O Orlando correu para examinar a caça. O Chiquinho ficou entusiasmado.

— O Zezinho matou um inhambu, mãe!

— Vou fritar ele — a Olivinha falou.

— Matou aonde, Zezinho?

Não respondeu.

— Vai tomar banho pra jantar, Zezinho — a mãe deu ordem.

Lavou os pés numa bacia com fundo de pau e foi para o quarto. Os irmãos depenaram o inhambu. Ondina picou a ave e pôs os pedaços num prato. Havia uma compensação em tudo aquilo. Os irmãos sabiam que agora ele era realmente um menino caçador. Estava gostando de ter despertado comentários entre os irmãos sobre o inhambu caçado por ele. A mãe entrou no quarto.

— Não vai jantar não, Zezinho?

— ãhãh.

— Comeu o quê?

— Quero não.

A mãe deixou o filho de lado. Talvez ele tivesse comido alguma coisa na casa dos outros. Zezinho estava com fome, entretanto queria vingar alguma coisa no próprio íntimo, ou contra o mundo ou mesmo contra todos. Estava danado de fome, mas não ia comer.

Será que o pai tinha vendido a Maninha? Agora o pensamento dele se enroscava nisso. Bem podia levantar à noite e levar a porquinha para o chiqueirinho da grota.

A voz grossa do pai estremecia a casa. Ele estava meio decepcionado com o Martinho. O homem não tinha cumprido o trato. Ainda naquela tarde não tinha encontrado o comprador da Maninha.

— Eu não sabia que o Martinho era tratante assim não. Tratou certeza de me comprar uma porquinha preta chegadinha a dar cria e nada. A gente já tinha praticamente fechado o negócio.

— De vez em quando o Martinho gosta é de gastar dinheiro à toa na cidade. Principalmente quando pega uns peixes.

— E hoje ele foi vender peixe na cidade e não tinha voltado até agora de tarde. Passei lá pra ver se a gente terminava o negócio e nada do homem. Não quer me comprar a porquinha não, Daniel?

— Acho que não. Agora não. Sei não. Vou ver. Zezinho estava gostando porque o pai do Valtério parecia não estar mais querendo comprar a Maninha e

de repente o pai oferecia a porquinha a outro vizinho. Tomara que o Daniel não quisesse comprá-la e que ninguém por ali se interessasse pela porquinha. Certamente o Daniel iria achar o preço muito alto. Ora, o seu Martinho queria comprar a porquinha preta para dar de presente ao Valtério e portanto, por capricho, poderia pagar mais do que ela valia realmente. Daniel não iria se interessar por ela; tinha certeza. Mas era bem possível que o pai até vendesse a Maninha por um preço baixo agora, só por implicância. Imaginou tal coisa e rolou na cama. Podia ser. Principalmente porque ele costumava dizer que era o dono da porquinha preta e que ninguém mandava nela, e como tinha andado fazendo algumas travessuras e deixado de obedecer ao pai, podia perder a porquinha por isso.

Dormiu desconsolado, triste. Só havia um consolo: a Maninha era ainda dele e no dia seguinte iria escondê-la no chiqueirinho no fundo da grota. Mesmo que tomasse outra surra, iria levar a porquinha para aquele esconderijo e passar a tratar dela sem que ninguém percebesse. Iriam dizer que ela tinha morrido. Tomara que dissessem mesmo.

A noite debulhou seus grãos de estrelas e tagarelando o córrego não parou de correr. Os pássaros dormiram. Os porcos roncaram dormindo. Zezinho só acordou com o pai chamando. Ainda estava escurinho.

— Zezinho.

— Senhor.

— Levanta depressa que eu quero mostrar a sua tarefa pra hoje.

Rolou da cama apressadamente. O corpinho dolorido. Viu a figura poderosa do pai no terreiro. O dia foi clareando aos poucos. Os passarinhos começaram a agitação da aurora. Trinados aconteciam nas frondes das árvores que despertavam também. O pai foi ordenhar a vaca. Tinham só uma vaca. Zezinho lavou o rosto, esfregou os olhos e tentou livrar-se da sonolência.

— Vamos lá ver a tarefa, Zezinho.

O pai deixou o balde de leite sobre a mesa da cozinha e convidou o menino para acompanhá-lo.

— Hoje você vai capinar daquela laranjeira até aqui nesse pé de mandioca. Vou até quebrar a rama. E daqui até na cerca. Escutou?

— Escutei.

— Se não tirar essa tarefa, vai entrar no couro de novo.

O pai falou isso e foi saindo. Zezinho ficou olhando para o talhão que tinha que capinar naquela tarde.

"Isso eu capino e é logo. Dá tempo pra levar a Maninha no chiqueirinho da grota com sobra. Chego da escola e levo ela bem depressa e venho capinar isso. Será que ela já não deu cria!?"

Caminhou depressa no meio das mandioqueiras e foi parar no chiqueiro. A Maninha estava de pé ali perto da figueirinha com uma cara de fome. Orlando já vinha tratar dos porcos. Enquanto o irmão mais velho entrou no paiol, ele pulou a cerca do quintal e chamou a porquinha em voz baixa.

— Maninha.

A porquinha roncou e caminhou para ele.

— Vem cá, nega. Vem.

A porquinha estava com fome e queria morder nas mãos dele.

— Vou buscar milho pra você. E depois você não vai sumir não que mais tarde eu vou te levar prum chiqueirinho que eu fiz lá na grotá.

Buscou três espigas de milho e tratou da porquinha separadamente. Orlando implicou com ele.

— Já tá dando milho demais pra essa porquinha, né seo Zezinho! O papai vai passar lá no seo Martinho agora e acabar de vender ela.

— Quem falou?

— Ele falou lá na cozinha agora. Só não acabou o negócio ontem porque o seo Martinho não tinha chegado da cidade. Ele vai pagar é muito dinheiro por essa Maninha. Vai dar pro papai comprar três do tamanho dela.

— E a cria dela não vale nada não?

— O papai quer é porco grande agora pra engordar.

Zezinho ficou preocupado de novo. Agora, antes de ir para a roça, o pai iria à casa do seo Martinho novamente para terminar o negócio. Ih, precisava agir imediatamente.

Realmente o pai pegou o trilho que passava na frente da casa do seo Martinho. Era certeza que iria fechar o negócio. Certamente o pai do Valtério tinha voltado da cidade com muito dinheiro e iria levar a sua porquinha preta. Felizmente o pai tinha saído cedo e ele pensou logo em arranjar uma saída para resolver seu caso.

A mãe estava rebentando pipoca na cozinha. Zezinho entrou com uma cara triste, os olhos lacrimejando. De repente estava chorando.

— O que foi, Zezinho?

— Dor de cabeça, mãe.

— Dormiu sem jantar ontem?

— Dormi.

— É isso. Pensei que tinha comido na casa dos outros. Não agüenta ir pra escola não?

— Sei não.

— Toma um melhorai e vai. Se não melhorar, pede pra dona Vanda pra voltar pra casa.

Bebeu leite, comeu pipoca e saiu. No rosto havia sempre aquela desolação de quem vai perder alguma coisa amada.

9

PELOS arredores da escolinha não viu o Valtério.

A preocupação aumentou ainda mais. Era certeza que o pai tinha terminado o negócio com o seo Martinho e o Valtério nem tinha ido para a escola, simplesmente porque tinha que ir buscar a Maninha. A angústia aumentou ainda mais. Encostou o rosto na curva do braço direito, debruçou-se na parede da escolinha e chorou. Dona Vanda vinha chegando. Havia uma rodinha de meninos ali perto dele.

— Que é isso aí? — a professora perguntou.

— É o Zezinho que tá doente, dona Vanda — Cabinho falou. — O pai dele deu uma surra doída nele e ele tá com dor de cabeça agora.

Zezinho tremeu de raiva. Não queria que ninguém falasse que ele tinha levado uma surra do pai no dia anterior e ali estava o Cabinho fuxicando as coisas.

— Então é melhor você voltar pra casa, Zezinho.

Ele olhou para a dona Vanda com os olhos marejando pranto. Não disse nada e foi se afastando. Encobriu-se nos matos e começou a correr. Se chegasse em casa e encontrasse o Valtério amarrando a Maninha para tocá-la para a casa dele, nem sabia o que ia fazer. E se o seo Martinho e o pai estivessem perto? Aí é que ia ser amargoso.

"Pego aquele Valtério e enforco. Foi ele que deu em cima do pai dele pra comprar a minha porquinha. Se ele levar a minha porquinha pra casa dele, vou lá e ponho veneno pra ela comer e morrer. Eu gosto dela mas ela tem de ser só minha. Tem de morar lá em casa."

Não podia chegar em casa correndo, senão iriam dizer que ele não estava nada doente; que aquilo era só fingimento. Entrou com cara de choro.

— A dona Vanda falou pra mim vir embora.

— Não melhorou, Zezinho?

— Não senhora...

A mãe ficou um pouco preocupada. O filho estava com o rosto em total desolação.

— Então vai deitar um pouco, Zezinho.

O menino não obedeceu. Foi para o terreiro da cozinha e olhou para os lados dos chiqueiros. Achou que não devia perguntar nada à mãe sobre a porquinha. Ainda chegava a achar que o Valtério já tinha levado seu animal de estimação. Foi com receio que caminhou para os chiqueiros. Não viu a Maninha por ali. Caminhou para os lados do córrego.

— Maninha, Maninha.

A porquinha não respondeu com aqueles roncoss costumeiros. A preocupação aumentou ainda mais. Queria voltar e perguntar à mãe se o pai tinha vendido a porquinha e se o Valtério já tinha levado seu animal de estima para a casa dele. Mas isso não podia fazer. A mãe ia dizer que a doença dele era preocupação com a porquinha simplesmente.

Foi parar no córrego. O dia já começava quente e os porcos já podiam estar nos lameiros ou arando a terra mole à cata de minhoca. Viu alguns porcos, mas nada da Maninha. Chamou a porquinha e beirou o córrego para baixo.

— Maninha — havia um tom de choro na voz dele. Entretanto a porquinha respondeu, deitada num lameiro, toda cheia de barro.

— Você tá aí, danada!

A porquinha levantou a cabeça. O menino chegou pertinho dela e ela se pôs de pé roncando. Passou o corpo barrento nas pernas do menino que não se importou.

— Pensei que já tinham levado você, Maninha. Vou te levar agora pro seu chiqueirinho escondido lá na grotá. Primeiro eu vou te dar um banho com água limpa. Vem aqui perto do poço, vem.

A porquinha acompanhou o menino que começou a jogar água nela. Limpou todo aquele barro e a porquinha ficou brilhando feito asfalto molhado.

— Agora vem comigo. Vem. Até lá perto do chiqueiro.

Não tinha levado nem uma espiga de milho e talvez a porquinha não quisesse deixar a gostosura do lameiro ou da água do córrego. Realmente não queria. Mas o menino empurrou-a para os rumos de casa e ela foi indo um pouco contra a vontade, roncando. Antes de chegarem no terreno limpo ali perto dos chiqueiros, Zezinho deixou a porquinha e correu para apanhar uma cordinha. Entrou escondido no paiol, apanhou a cordinha e três espigas de milho. Ia levando o estilingue e o embornal com algumas pedras.

— Come uns grãos de milho, Maninha.

Jogou uns grãos de milho no chão e enquanto a porquinha comia, ele amarrou a corda no pé direito dela.

— Agora vamos pro seu chiqueirinho no escondido.

Jogou três grãos de milho ali na frente da porquinha que se moveu, catou os grãos, estralejou nos dentes e o menino caminhou e a Maninha o acompanhou arrastando a cordinha.

"Quem sabe ela vai atrás de mim e não é preciso nem tocar ela segurando a cordinha."

Uns grãozinhos de milho aqui, outros mais na frente e a porquinha foi acompanhando o menino para o esconderijo.

— Vem, Maninha. Vem.

E pelo trilho ia a porquinha preta roncando, arrastando os biquinhos das tetas pelo chão, carregando toda aquela pança, com um jeito feliz da vida. Zezinho carregava alegria no rosto. No espírito uma decisão forte. Pensava com altivez. Ele era o dono daquela porquinha e pronto. Se ele não fosse defender o que era seu, quem o faria? Achava que cada um tinha que defender o que lhe pertencia. Por direito e por amor de estimação, a Maninha era dele e pronto. Quem fora o criador dela? Aquela porquinha tinha crescido sem mãe, dando-lhe trabalho e cuidado e ao mesmo tempo gerando um relacionamento de estima muito grande entre eles. Ou somente por parte dele? Ah, sabia que se o Valtério passasse a ser o dono dela, a porquinha talvez nem ficasse quase nada sentida com a nova situação, pois era mansa com todo mundo, mas ela devia saber quem era o seu verdadeiro dono.

Um inhambu correu pelo trilho. Zezinho colocou uma pedra no jeito e caminhou depressa. A porquinha também andou depressa. O inhambu entrou no mato e deitou ali perto. Zezinho parou. Viu que para pegar a ave em boa pontaria, precisava entrar no mato e chegar mais perto pelo outro lado. Andou um pouquinho para frente e foi entrando. Maninha também entrou no mato ali no rumo da ave que assustada voou.

— Espantou o inhambu que eu ia matar, Maninha.

Saiu no trilho novamente, chamou a porquinha, debulhou mais uns grãos de milho e lá se foram os dois. Chegaram beirando a grota e agora o menino tinha que achar um lugar mais fácil para descer com a porquinha. Um pouco para baixo havia um trecho de barranco fácil.

— É ali mais embaixo que a gente vai descer, Maninha.

A porquinha parou. Parecia não querer descer, embora o lugar fosse fácil. O menino jogou uns grãos de milho no leito da grota procurando atrair o animal, mas a porquinha parecia já estar enfiada de milho. Pegou na corda e conversou com ela.

— Desce, Maninha. Eu tou te fazendo um bem, sô. A porquinha roncou, mas não quis descer. Zezinho afagou a cabeça dela e por fim grudou nas orelhas. Puxou a porquinha. Escorregou e os dois rolaram e só pararam no leito da grota.

— Aí, não falei pra você descer!? Até esfolei o joelho.

Maninha levantou assustada, mas não fugiu.

— O seu lugar agora é ali mais pra cima. Vamos. O leito da grota estava seco e fácil de andar.

Cerca de quinze metros para cima estava o chiqueirinho. O menino afastou os paus e após jogar milho lá dentro, a porquinha entrou sem cisma.

— Ninguém vai te achar aqui. Ninguém vai ter a idéia de olhar aqui pra baixo. Vou trazer uma latinha pra pôr água pra você. Agora eu vou embora e vou capinar aquela tarefa que o papai me deu e logo depois venho aqui de novo trazer mais milho e água. Fica aí quietinha, ouviu? Não tem perigo de onça não e nem guará. Você vai dar cria aqui e vai morar aqui agora. Até não sei quando. Até o papai não querer te vender mais.

A porquinha ficou estralejando milho sobre a areia e após encostar os paus da cerquinha bem juntos, o menino foi se afastando, levando a cordinha que o pai usava para amarrar o bezerro. Se esquecesse aquela cordinha ali na grota, talvez tomasse uma surra com ela.

Parou lá no alto do barranco e percebeu que para descobrir a porquinha lá no fundo, só mesmo se alguém passasse olhando com muito cuidado. O que tinha de fazer, estava pronto. Voltou para casa depressa. Pôs a cordinha no paiol sem que ninguém visse e entrou em casa.

— Foi andar pra onde, Zezinho?

— Dor de barriga, mãe...

— Tou pensando em te dar um purgante.

— Já passou.

- E a dor de cabeça?
- Já sumiu um pouco.
- Não vai ficar andando por aí não e nem vai tomar banho no córrego.
- Vou capinar. Acho que já dou conta.
- Doente não precisa de trabalhar.
- O papai vai me bater se eu não tirar a tarefa.
- Eu falo pra ele que você tá doente.
- Tou quase nada mais não...

Pegou a enxada e foi para o quintal. Estava disposto a terminar logo a tarefa. Que doença que nada! Enfiou a enxada nos matos moles: capim-colchão, berduêga, e no meio das mandioqueiras logo sentiu o suor

pingando do rosto, molhando a camisa. Trabalhava até meio revoltado. Mas estava achando bom, pois tinha somente aquela tarefa para fazer depois da escola, e assim, quando terminasse, estava livre.

Parou para beber água e voltou logo. Sara, a irmãzinha, apareceu onde ele estava trabalhando.

- Tá doente mais não, Zezinho?

— Eu quero é água. Vai buscar água pra mim. Sara buscou um copo com água para ele que parou apenas para beber. Quando a mãe o chamou para almoçar, ele disse que ia almoçar somente quando os irmãos chegassem da escola. E enfiou a enxada nos matos. Era meio-dia e meia quando os irmãos chegaram da escola. Faltava apenas um pedacinho para ele terminar a tarefa.

- Cadê o Zezinho, mãe?
- Tá capinando.
- Uai, não tá doente?
- Melhorou e foi capinar.
- Agora ele capina até doente, só porque levou uma surra ontem.

Zezinho viu os irmãos chegando, mas não parou. Resolveu que ia almoçar somente quando terminasse. E quando terminou a tarefa, todo mundo já tinha almoçado.

- Virou capinador de verdade agora, hein Zezinho?

Orlando fez galhofa dele, mas ele não respondeu. Tirou o chapéu de palha da cabeça e foi almoçar. De uma coisa ele tinha certeza e estava satisfeito: tinha terminado a tarefa e estava livre para ir levar água e mais milho para a Maninha. Podia caçar, nadar e ir jogar futebol com os colegas. Felício tinha uma bola de borracha e sempre formavam um quebra-dedo no campo dos homens quando marcavam dois gols lá no meio, com botinas ou tocos.

- Acho que você falou que ficou doente pra não estudar, Zezinho.

— Vai amolar os cachorros, Orlando. A mamãe me deu um melhora e a dor de cabeça passou, viu.

Orlando acreditou nisso, mesmo porque o irmão era até estudioso. Nem gostava de faltar às aulas. Mas o Orlando não devia saber do seu segredo; da sua travessura. Ninguém devia saber.

10

DEPOIS do almoço estava recompensado. Agora queria sair às escondidas com uma latinha onde pudesse pôr água e com umas quatro espigas de milho, para a Maninha. Nem falou que já tinha terminado a tarefa que o pai tinha lhe dado. Ninguém sabia qual era o talhão da tarefa. Orlando falou:

— Vai acabar a tarefa que o papai te deu, ou não vai, Zezinho?

— Acho que vou.. .

— Se não acabar, é outra sova.

Arranjou uma lata enferrujada e apanhou quatro espigas de milho. Esperou o momento exato e pelos fundos fugiu sem ser visto.

— Parece que o Zezinho já sumiu de novo, mãe.

— Ele deve aparecer logo. Não vai querer ficar fora de casa o dia inteiro outra vez não.

Zezinho foi parar no chiqueirinho da grotá novamente. Viu a Maninha dormindo na areia.

"Ah, ela gostou do chiqueirinho. Vai dar cria ali."

Apanhou água suja nos poços um pouco para baixo e levou para a porquinha.

— Mais milho e água pr'ocê, Maninha.

A porquinha bebeu água e comeu mais milho. Depois deitou se espojando na areia, afagada pelo menino.

— Pode ficar sossegada, Maninha. Se o papai te vender, ninguém vai te achar aqui. Vão falar que você sumiu.

Brincou com a porquinha bastante tempo e depois achou que devia ir embora. Mas não para casa. Já tinha terminado a tarefa. Caminhou pelos matos atirando pedras nos passarinhos, procurando matar outro inhambu e foi parar no poço onde os meninos mais livres estavam sempre nadando. Os outros meninos não tinham assim tanta responsabilidade com serviços como os filhos do seo Odilo. Aquele homem era muito exigente e os filhos dele tinham que trabalhar desde muito cedo.

No poço onde nadavam, não havia ninguém. Entretanto ouviu gritos conhecidos no campo de futebol. Ah, estavam chutando a bolinha de borracha. Uma partida de futebol era um ótimo programa. Correu afobadamente e viu a turminha conhecida.

— Chegou mais um jogador — o Felício gritou.

— Fugiu de casa de novo, Zezinho? O teu pai vai te dar outra surra, hein? — Cabinho falou.

— Eu já acabei a tarefa que ele me deu. Valtério olhou para ele com olhos zombadores e começou a fazer micagens debochando dele.

— Quem é que apanhou do pai ontem até mijar na roupa? — falou e olhou para o Zezinho. — Eu não fui. Foi você, Augusto? Ah, o Augusto não foi também. Foi você, Felício? Foi não. Eu sei.

Zezinho estremeceu e chegou a inchar de raiva. Olhou para o Valtério com uns olhinhos de fera. A ponta do nariz começou a avermelhar.

— Quem foi que levou uma pisa do pai ontem? Eu não levei pisa do meu pai. Acho que acabou de chegar aqui.

Zezinho rangeu os dentes e xingou:

— Seo bocudo sem-vergonha, cachorro do inferno. Eu te dou uma pedrada de estilingue é agora.

E enfiou a mão direita no embornal para pegar a arma. Valtério estava pertinho.

— Eu te pego com estilingue e tudo, porcaria. Caminhou para o menor a fim de tomar a arma do outro. Agarrou a capanga de pedras. Zezinho deu um murro com a mão segurando a forquilha do estilingue e acertou o nariz do outro.

— Ai meu nariz, desgraçado!

Valtério acudiu o nariz. O sangue já brotando. Zezinho arregalou os olhos.

— Machucou ele, Zezinho — Felício falou.

— Eu falei que era pra gente jogar bola e não caçar encrenca — Augusto falou.

— Eu vou esborrachar o seu nariz também, seo cachorro.

Mas enquanto o Valtério cuidava do nariz sangrando, Zezinho armou-se com as pernas e começou a correr. Valtério ainda gritou:

— Vou contar pro seu pai e você vai levar outra surra, cachorro.

Zezinho encobriu-se nos matos e pegou o trilho de casa. Não havia mais ambiente para ele jogar futebol naquela tarde. Se ferrasse luta com o Valtério, podia até perder, mas não tinha medo. Estava com medo é que o outro fosse mesmo contar ao pai dele. Ainda pelo trilho rosnava para si mesmo: "Não falei que eu esborrachava o nariz dele?"

Parou beirando o córrego e foi dar estilingadas num bem-te-vi que cantava nas varas do assa-peixe. O passarinho fugiu e ele foi para a casa. Orlando estava ameaçador.

— Em vez de estar capinando, tá é andando à toa, Zezinho!? Vou contar tudo pro papai.

— Já acabei a tarefa que ele me deu.

— E onde era essa tarefa?

— Esse pedaço que eu capinei.

Orlando rangeu os dentes. Não tinha jeito de forçar o irmão a trabalhar. O pai chegou logo da roça. Muito mais cedo que o normal. Passou os olhos no trecho da tarefa que tinha dado para o Zezinho e não disse nada. Se o filho tinha terminado a tarefa, estava tudo bem. Zezinho já estava chupando cana no fundo do quintal.

Seo Odilo estava decepcionado com seo Martinho. O homem tinha praticamente fechado o negócio com ele, pagando um bom dinheiro pela Maninha e agora acabava de saber que o pai do Valtério não tinha dinheiro nenhum. Aliás, tinha até gastado tudo na cidade.

Quando o sol ensaiou seu pouso na lombada do horizonte, um trovão roncou e a terra estremeceu. Mas parecia tão distante o trovão. Zezinho chegou beirando a casa e ouviu o pai falando sobre o seo Martinho:

— ...Não sabia que o Martinho era um homem sem palavra assim não. Disse até que queria dar a porquinha preta de presente pro filho no aniversário dele e é tudo balela. Sabe é gastar o dinheiro na farra...

Zezinho esboçou um sorriso de alegria. O pai saiu pigarreando e perguntou num tom austero:

— Já debulhou o milho, Zezinho?

— Não senhor.

— Então o que é que tá fazendo?

— Já vou...

11

A NOITE começou a esfumaçar os matos com seu bafo negro. Cargueiros de nuvens arrebanharam-se para os lados da grotá onde a Maninha devia estar dormindo hora daquela. Alguns trovões falaram com voz grossa.

— Eh, parece que vai chover e atrapalhar a colheita do feijão.

Zezinho ouviu o pai falando. Pensou na Maninha com mais seriedade. A porquinha estava no fundo da grotá. E se desse uma enchente muito grande e matasse a porquinha afogada? Meu Deus do céu! Saiu para o terreiro e foi estudar a carranca da noite. Estava tudo escuro. De vez em quando riscos luminosos de relâmpagos acontecendo, parecendo rachar as nuvens. O menino coçou a cabeça.

Hora dessa a Maninha podia até ter dado cria já. Ih! E os leitõezinhos! Coitadinhos! Mordeu o lábio inferior. Quem iria se atrever a entrar nos matos com aquela escuridão, o tempo carrancudo, varar todo aquele trecho sem caminho, chegar à grotá funda e tirar a Maninha de lá? Ele é que não podia fazer isso.

Fazia base que a Maninha iria dar leitõezinhos naquela noite. Era certeza? Então a cria iria morrer afogada? A porquinha podia nadar, quem sabe fugir, mas e a miuçalha?

O vento já vinha bafejando com suas asas ocultas. Os matos dançavam e as estrelas pareciam se esconder nas cavernas da imensidão. Zezinho sentiu-se diminuído, pequenininho. O sentimento todo se encolhendo. Tinha feito tanto esforço para conservar a Maninha no seu poder, e agora estava mais atrapalhado que nunca.

O vento com cheiro de chuva trazia desespero. Coitada da porquinha que devia estar encolhidinha no fundo da grotá, sem ter para onde fugir. Mas que Deus ajudasse que a chuva não provocasse enchente.

— Zezinho, o que tá fazendo no terreiro? Será que vai querer tomar a chuva no lombo?

— Já vou, mãe.

Entrou em casa com os olhos arregalados. O coraçãozinho estava ali se triturando, dolorido que só vendo. Que coisa mais errada, gente! Nada estava mesmo dando certo. Ah, mas muita coisa tinha dado certo. O pai do Valtério não ia mais comprar sua porquinha preta. Graças a Deus! Um trovão mais forte estalou. Zezinho tremeu.

— Aquele raio lascou algum pau — Orlando falou.

— Vai ver que lascou uma aroeira — Chiquinho disse.

Zezinho teve a impressão que o raio tinha caído lá na grotá. Tinha feito uma coisa errada. Uma travessura que era um segredo e agora tinha que agüentar a mão. Contar ao pai que a Maninha estava correndo perigo, era tomar outra surra. Caminhou de um lado para o outro todo aflito.

Os primeiros pingos começaram a sapatear no telhado e a sambar ameaçadoramente na alma dele também. O pai não estava tão preocupado com a colheita do feijão, quanto o filho com a situação da porquinha preta.

— Será que vai chover muito grosso, mãe?

— Pelo jeito vai.

— Por quê, mãe?

— Por causa do jeito do tempo. Não tá escutando pingos graúdos caindo no telhado não?

— Mas pode ser chuva passageira...

— Pode. Quem sabe?

Foi para o quarto numa aflição danada. Ih, aquela grotá descia de algumas cabeceiras e bebia água de outras grotas menores e então enchia adoidadamente e descia aos borbotões, ruflando feito um monstro feroz. E era uma chuva de vento em derramados relâmpagos e tambores de trovões tocando sua fanfarra barulhenta.

"A Maninha vai morrer afogada. Mas Deus vai ajudar que não. Falaram que quando a gente pede uma coisa pra Deus com devoção, a gente consegue. Então eu vou pedir pra Deus não deixar a Maninha morrer afogada. Tou pedindo. Deus vai me ajudar."

Abriu um pouquinho a janela para estudar o temporal. Um empurrão mais forte do vento abriu a janela de uma vez. O menino acudiu

apressadamente, chuva caindo no quarto, molhando o rosto dele. Fechou a janela e viu que a chuva estava realmente caindo pra valer. Ora, a Maninha ia mesmo morrer afogada. Daquele chiqueirinho ela não ia conseguir fugir, e presa lá, ia morrer mesmo. Será que não tinha sido a maldade dele contra o Valtério? Tinha tirado sangue do outro e a tempestade podia até estar deitando vingança contra ele.

Ai chuva que chovia no telhado, que molhava os matos e que doía no segredo dele. Chuva que estirava ao longo do tempo. Nunca uma chuva parecia derramar tanta maldade que nem aquela. Chuva demorada!

Todo mundo foi dormir cedo e ele também. Estirou-se nervoso na cama de tábuas e colchão de palha de milho. Rolou cheio de aflição.

— Será que essa chuva enche o corgo?

— Já tá enchendo — Chiquinho respondeu.

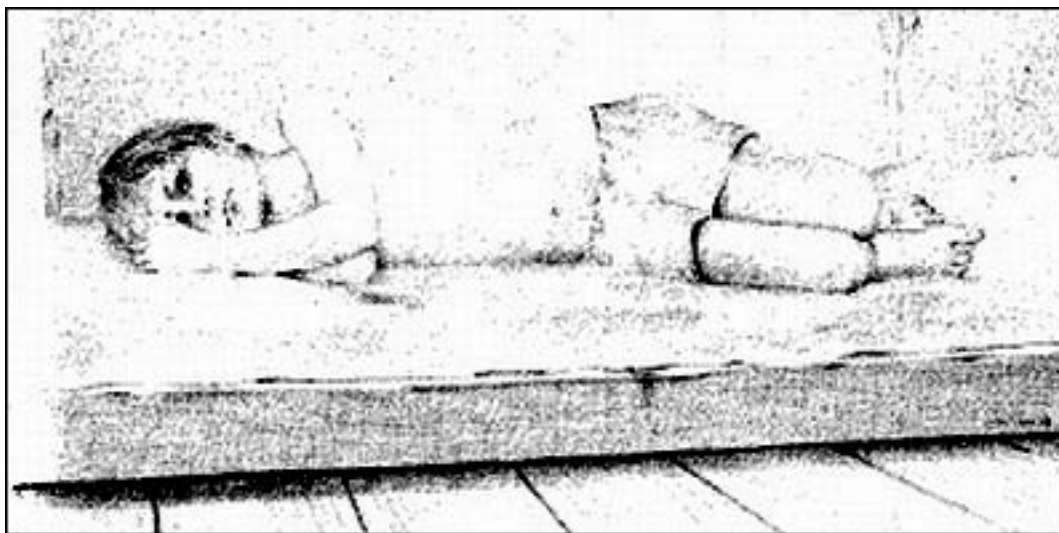
— E a grota também?

— É claro que vai encher a grota também — Orlando falou.

— Mas, e se a chuva parar agora? Será que já dá pra encher a grota?

— Hora dessa a grota já tá bebendo é muita água — Chiquinho falou.

Zezinho engoliu saliva seca, amarga. Achou que nem fosse dormir direito naquela noite. Era um toró colosso caindo, afogando os matos. Certamente afogando a Maninha. Hora daquela imaginava a porquinha preta recebendo golfadas de águas fortes aos tombos grota abaixo, o focinho dela procurando ar, sendo arrastada pela enchente.



Estava com os olhos arregalados no escuro. Nem uma lamparina acesa mais em casa. De vez em quando um relâmpago clareando repentina e rapidamente os ermos, iluminando a casa de barrote deles. Sentou-se na cama. Será que os irmãos já estavam dormindo? Queria conversar com alguém. Queria que alguém avaliasse a intensidade da enchente. Muita chuva já tinha caído. Tinha molhado o feijão seco na roça no ponto de ser batido. Mas isso não era de muita importância para ele. A Maninha sim...

Agora queria chorar. Chorar feito a chuva que derramava seu pranto intenso nos matos, que enchia os córregos e as grotas secas. Imaginou que o mundo sabia enganar as pessoas, fazer maldade. Deitou-se novamente. Não queria dormir. Queria ver o fim da chuva, mas o sono foi tomando conta dele. Era uma criança e acabou dormindo antes que a chuva terminasse.

Quando acordou pela madrugada, os galos desfiavam seus rosários de cantigas e não havia mais chuva caindo. A preocupação acordou com ele feito um estalo. Será que tinha sido uma chuva que nem uma chicotada que deixa muito estrago? Será que a Maninha tinha morrido? E a cria? Imaginava que a porquinha tinha dado cria. Era uma fantasia que ele acreditava ser verdade.

12

O PAI pulou da cama cedo como sempre e foi para o terreiro. Ele abriu a janela e olhou para os primeiros sinais do novo dia. A chuva tinha salpicado os matos, enchido os córregos e as grotas, mas já tinha dado no pé. "Preciso dar um jeito de ir ver a Maninha agora."

Será que havia jeito e tempo? O pai estava ali. Enquanto ele não saísse, não podia fazer nada. Que tal se fosse para a escola e do meio do caminho fugisse e fosse ver se a porquinha tinha morrido? Olhando pela janela se embestia em pensamentos, procurando um jeito para ir até a grotas ver o que era feito da porquinha.

A mãe se levantou também. O dia crescia em claridade. O pai já estava para gritar que os filhos levantassem. Não esperou. Pulou no chão descalço e foi para o terreiro.

— Vai tratar dos porcos, Zezinho.

Enquanto o pai foi ordenhar a vaca, ele foi tratar dos porcos. Orlando apareceu pouco depois.

— A Maninha não apareceu não, né Zezinho? Será que ela deu cria e tá no mato?

— É bem capaz.

— E com essa chuvada que deu, é perigoso até leitãozinho morrer encarangado.

— Será?

Zezinho ardeu no seu segredo.

— Vou pedir à mamãe pra mim não ir na escola hoje pra ir campear ela.

— Ah, isso pode ser depois da escola.

O pai apareceu beirando o chiqueiro. Orlando falou:

— A Maninha deve ter dado cria no mato, pai. Não apareceu.

— É mesmo. Já tava na hora. Eu queria vender ela antes dela dar cria. Ah, agora valorizou mais. Acho um preço melhor.

Zezinho sentiu seu vulcão de revolta pegando fogo. Então era melhor que ela tivesse morrido mesmo. Que tivesse sido carregada pela enchente da grotta com a cria e tudo.

— O Zezinho tá até falando em faltar na escola pra ir campear ela — parece que o Orlando falou de propósito para que o pai danasse com o irmão.

— Faltar na escola um couro no lombo dele. Deixe eu saber que ele faltou na escola pra ficar zanzando por aí feito bicho perdido. Tem tanto tempo pra campear porca parida. Que mania é essa?

Zezinho sofreu um meio terremoto por dentro. Agora é que não podia fugir da escola. Nem mesmo podia fingir que estava doente. Percebia que o pai estava armado com um pulo de gato para o lado dele. Pouco depois ouviu o pai falando para a mãe.

— Vou esperar esquentar um pouco pra ir pra roça. Se o sol sair quente, dá pra virar aquele feijão e bater de tarde, Acho que foi uma chuva passageira.

Ih, agora sim, o pai ia ficar em casa até depois que eles fossem para a escola. Não havia tapeação. Enfrentar o pai num jogo perigoso era fogo. Era dose pra elefante. Entretanto estava no ponto de arriscar uma nova surra. Apanhava, doía muito no instante, mas depois passava. Ficavam certos vergões, alguns rastros azulados, mas, afinal de contas, quanto valia a sua porquinha preta no meio de tudo isso?

O pai estava ali com aquela figura imponente, todo poderoso. A única saída era apanhar o embornal de algodão com os cadernos e marchar para a escola com os irmãos.

Quando saíram de casa, o tempo já começava a melhorar. O sol já abria vãos entre as nuvens e lambia os matos com sua língua tímida, e tudo indicava que a claridade do céu azul fosse tomar conta do dia.

"Ah, o papai vai logo pra roça."

Pensou assim pelo caminho e foi arquitetando uma nova travessura. Ia fugir da escola e de lá mesmo ia ver o que tinha virado sua porquinha de estimação. Carregava também o embornalzinho de caçada com algumas pedras e o estilingue.

Alguns colegas pararam e ficaram esperando no caminho; Cabinho gritou quando ele e os irmãos se aproximavam.

— O Valtério falou que vai te pegar hoje e te dar uma surra, Zezinho.

— Ele que vem. Meu estilingue tá aqui.

— Bater nele por quê? — Orlando se doeu.

— Ele não te contou não? Ontem lá no campo esse moleque deu um murro no nariz do Valtério que arrancou sangue.

— Por quê?

— Porque o Valtério tava abusando dele porque ele apanhou do seu pai.

— O Valtério não vai bater nele não.

— Disse que bate até em você, Orlando.

— Manda ele vir então.

O Valtério já estava no terreiro da escolinha, exibindo uma carranca de porco selvagem encantado. Alguns colegas ali perto dele. Ele falando num tom de valentia.

— Quero dar um murro no nariz dele com mais força. Ele vai cair.

Zezinho estava muito mais preocupado com a Maninha que com a possibilidade de levar um murro do Valtério. E perto do Orlando ele não ia apanhar. O irmão o provocava, azucrinava sua vida, mas sempre o defendia de outros moleques. Irmão era sempre irmão.

— O Valtério vai te quebrar o nariz, Zezinho.

Zezinho não respondeu. Apenas olhou com os olhos arregalados e apalpou o embornal maior onde levava os cadernos e onde tinha colocado a capanga pequena com algumas pedras e o estilingue.

Agora havia dois grupinhos. Um rodeando o Valtério rosnando sua valentia e outro rodeando o Zezinho e os irmãos. Valtério tinha um pouco de medo do Orlando, mas sua briga era com o Zezinho.

— O Orlando não pode entrar. A briga é com o Zezinho.

— Ele é do meu tamanho. Não é do tamanho do Zezinho. No meu irmão ele não vai bater. Na minha frente ele não bate.

— Deixa ele vir que eu vou quebrar os dentes dele — Zezinho cantou de galo.

A professora vinha chegando.

— Eu pego ele na saída — Valtério ameaçou.

— Ele vai te pegar na saída, Zezinho. Falou que se você for homem, é pra esperar ele.

Dona Vanda foi chegando e o estopim da briga apagou-se. Ela chamou os alunos para dentro, não havia sinal, e começou a aula. O sol foi como que secando as nuvens, o azul do céu se engalanando, os matos se livrando do apipocamento do orvalho da chuva e pelas cercanias da escolinha a festança de gorjeios dos pássaros.

As duas janelas abertas da escolinha mostravam o dia no seu embelezamento ensolarado. Zezinho julgava que o pai já devia ter ido para a roça virar as bandeiras de feijão para que secassem mais depressa. E a Maninha? Precisava ir atrás dela. Não podia mais tardar.

Fez planos que ia fugir da escola no recreio. Deixava o embornal dos cadernos e levava somente o embornalzinho de caçador e o estilingue. Até esquecia que fugir significava estar correndo de medo do Valtério. Não queria saber disso. Sua preocupação era saber se a Maninha tinha sido ou não levada pela enchente. Se tinha conseguido fugir ou não. E se não tivesse morrido, estava com a cria protegida. Sabia que porco é bicho bom no nado, mas num lugar onde nem havia jeito para nadar, talvez a porquinha preta, com toda aquela pança, não tivesse conseguido se salvar.

No interior da escolinha reinava aquele clima de briga. Os alunos um pouco agitados. Havia uma briga marcada para a saída. Quando marcavam uma

briga para depois da aula, costumavam se retirar bastante da escolinha por um caminho oposto ao da professora. Aí então ferravam a briga. Dois trocando tapas e os outros ali aplaudindo. Estava toda a molecada esperando a briga do Valtério com o Zezinho depois da aula. Certamente iria ser com o Orlando também. O Orlando e o Valtério sim eram iguais no tamanho e estavam dentro das regras para a medição de forças.

Aquele clima de provocação para a briga preocupava o Zezinho agora, mas ele não deixava de pensar na grotá, no chiqueirinho que tinha feito para a porquinha e no sumiço da porquinha que podia ter acontecido. Decidiu-se:

"Vou fugir na hora do recreio. Deixo minha capanga aqui e os meninos levam pra mim. Levo só o estilingue e o embornalzinho com as pedras."

13

NA HORA do recreio não ia mesmo acontecer a briga. Haveria somente aquela guerrinha fria. Se alguém cruzasse nos tapas com alguém, a professora punha de castigo. Punha de joelhos lá na frente. Batia com a régua de caligrafia ou com uma vara.

Agora o Valtério não debochava do Zezinho, gritando quem tinha apanhado do pai e coisa e tal. Não era momento para deboche. O caso era sério. O máximo que podia acontecer era aquele joguinho de insultos. Mãos fechadas à mostra. O dedo indicador estalando, prometendo surra.

Mas o Zezinho nem esperou tais provocações. Entrou no mato, pois era no mato que faziam as necessidades fisiológicas, e foi escapulindo às ocultas. Quando toda a molecada se reuniu novamente no terreiro da escola, ele não estava por ali.

— Cadê o Zezinho?

— Hora dessa deve de estar escondido.

— Deve ter fugido da escola de medo do Valtério.

Alguns meninos comentavam tais coisas, instigando o fogo fumegante da briga e o Valtério somente ouvia, piscando e rangendo os dentes.

— Meu pai ia comprar a porquinha mansinha dele pra mim e por isso ele virou meu inimigo. Meu pai ainda vai comprar ela...

— Não foi porque você abusou dele por causa da surra que ele tomou do pai dele não, Valtério?

— Não. Ele já anda mexendo comigo faz tempo. Procuraram o Zezinho pelos arredores e nada do menino. Até mesmo o Orlando e o Chiquinho estavam preocupados. Será que o Zezinho era capaz de fugir de um mole-molão que nem o Valtério?

— Cadê o Zezinho, Orlando?

— Sei lá. Aqui no meu bolso é que ele não tá.

— O pessoal tá falando por aí que ele fugiu de medo do Valtério.

— E ele precisa ter medo dum frango molhado daquele?

Um dos meninos que estava perto gritou:

— O Orlando falou que o Valtério é um frango molhado.

— Frango molhado é ele que é um porco sujo de barro — Valtério falou com uma vozinha abafada, quase resmungando.

— Ah, o Valtério falou que o Orlando é um porco sujo de barro. Escutou só, Orlando?

— Porco sujo de barro é ele que carrega veneno de chupão no corpo.

— Você virou chupança, Valtério? — O Orlando que falou.

— Ele que é um cachorro bernento e rabugento.

— Falou que você é um cachorro bernento e rabugento, Orlando.

— Ele é que vem no cachorro pra ver se o cachorro não estraçalha a cara dele.

— Escutou só, Valtério? O cachorro vai te morder.

E as provocações continuaram assim com mensagens levadas por terceiros. Os dois não se encaravam frente a frente. Zezinho não aparecia. A professora chamou os alunos para o segundo tempo da aula e nada do Zezinho. Orlando e o Chiquinho falaram baixinho:

— Uai, será cadê o Zezinho? Não te falou nada não, Chiquinho?

— Falou não. Deixou até a capanga dele aqui.

Ondina olhava com os olhos arregalados, esperando a chegada do Zezinho. Não podia ser verdade que o Zezinho tinha fugido da escola com medo do Valtério. Ora, o Valtério era sozinho e o irmão contava com o Orlando e o Chiquinho e até ela própria que podia entrar na briga e dar umas cacetadas na cabeça do inimigo.

A professora não notou a ausência do Zezinho, mas o Cabinho foi falando logo:

— Dona Vanda, o Zezinho foi embora da escola com medo do Valtério que falou que ia bater nele na saída.

— O quê? Vai bater no Zezinho? O Valtério?

— É mentira, dona Vanda. Foi ele que me bateu ontem lá no campo e agora inventaram que eu vou bater nele.

— Você desse tamanho apanhou do Zezinho!? A turma soltou umas gargalhadas fortes, menos o

Orlando. Chiquinho soltou um risinho irônico. Ondina também.

— Ele me pegou de traição e me deu um murro no nariz.

— Isso é verdade, Orlando?

— Eu não vi nada disso, dona Vanda. A molecada é que tá falando isso.

— E cadê o Zezinho?

— Eu não sei. O embornal dele tá aqui.

— Ele não falou que ia embora não?

— Falou nada não. Eu não sei de nada.

— Ninguém viu o Zezinho fugindo não? Ninguém tinha visto. Ele tinha entrado no mato e desaparecido. A professora estava preocupada. Os irmãos também.

Zezinho apanhou mais pedras numa pedreira e foi pelos trilhos dos bois na internada cheia de matos. Era bem capaz que fosse tomar mais uma surra, mas não tinha importância. Estava fazendo o que queria. Enquanto não investigasse o que tinha acontecido com sua porquinha preta de estimação, não estaria satisfeito. Era uma força enérgica empurrando-o para aquele recanto de mundo. Sentia que era uma travessura grave e sabia que o pai era duro demais para aceitar qualquer desculpa que ele arranjasse, mas no momento só sentia estar sendo arrastado por aquele impulso.

"Vão dizer que eu fugi de medo do Valtério..."

Não tinha muito tempo a perder atirando pedras nos passarinhos ou mesmo pensando em outras coisas. Devia pensar somente na Maninha, mas a todo instante o pensamento se embaralhava em coisas diversas e se atrapalhava todo. De repente as coisas pareciam muito confusas. Que desculpa iria dar em casa? Não poderia ainda voltar para a escola depois que investigasse o acontecido com a porquinha? Ia dizer o quê à professora? Que tinha sofrido uma dor de barriga muito grande e tinha ficado no mato todo aquele tempo? A turma ia rir dele; ia abusar da carinha dele.

Uma juriti voou sibilando as asas. Pousou num galho um pouco à frente. Ele atirou uma pedra que passou rente ao pescoço dela. Entusiasmou-se. Se tivesse matado a pomba, seria outra glória de caçador. A juriti voou do galho e assentou no trilho mais na frente. Ele não viu. Pensou que a pomba tinha fugido para longe. Pouco depois quase tropeçou na ave novamente. Então ela voou para longe.

Descalço foi pelo trilheiro ainda meio molhado, cheio de rastros dos bois. Desatou uma corrida. Precisava agir apressadamente. Saiu na grot. Havia ainda água suja correndo. Foi subindo ali beirando. Notava que a enchente tinha sido arrasadora. Por ali a Maninha devia ter passado, arrastada pela enchente, morta decerto. O coraçãozinho dele se afligia mais e mais à medida que ele se aproximava de onde tinha feito o chiqueirinho. Chegou. Parou de estalo. A respiração carregadinha de emoção. Os olhos arregalados.

"Cadê o chiqueirinho?"

Não havia mais nada. A enchente tinha levado tudo. Não havia um pau sequer da cerquinha que ele tinha feito. Certamente a Maninha tinha sido levada e hora daquela já estava rodando longe no rio Paranaíba. Lá no fundo só havia um poço com água suja. Os olhos dele começaram a marejar água de choro.

— Fiz coisa errada.

Falou alto. A voz saiu com lágrimas. Ele espalhou o pranto do rosto. Agachou. Sentou no capim. Estava suado. O sol tinha se tornado quente. Era uma tristeza muito grande invadindo a natureza dele. Agora podia apanhar que não tinha importância. Levantou-se; Os olhos ainda borbulhando lágrimas.

"Também não conto pra ninguém. Ela morreu na enchente. Não é minha mais, mas também não vai ser de ninguém. Nunca mais."

Estava desolado. O azul do céu não valia nada. As flores enfeitando a natureza ainda verde também não valiam coisa alguma. A ilusõzinha dele naquela época da vida era sua porquinha de estimação. Agora não sabia o que fazer. Ir para casa não podia. Era até perigoso encontrar o pai em casa. Estava tão sem sorte! O jeito era voltar para a escola. Mas não devia entrar.

"Foi o Valtério! Ele é que me fez esconder a Maninha nessa grotinha pra ela morrer na enchente. Vou voltar lá na escola e dar outro murro no nariz dele. O Orlando não vai deixar ele me bater."

Levantou a cabeça. Os olhos ainda lagrimando. Não. Decidiu que ia descer beirando a grotinha. Talvez a porquinha estivesse presa nalguma forquilha, nalguma galhada ou até mesmo nalgum buraco no barranco. Decidiu que não ia mesmo entrar na escola e portanto tinha tempo para ficar bestando por ali, curtindo aquela tristeza enorme. Decidiu apanhar algumas pedras na pedreira não longe da grotinha. Caminhou beirando muitas bastas de capim jaraguá.

"Arruf-ruf-ruf."

Uma porca roncou valentemente numa espessa moita ali perto. Nem parecia o ronco da Maninha, mas era ela sim. Zezinho tinha quase pisado na cria.

— Maninha!? Maninha!?

A porquinha parecia estar brava. Bateu queixo. Estava enciumada, protegendo os leitõezinhos.

— Deu cria, Maninha!? A enchente não te levou, danadinha!?

14

ZEZINHO estremeceu sob o domínio da emoção. Esqueceu de tudo. Não tinha que brigar com ninguém e tomar mais uma surra do pai não tinha importância.

— Maninha, minha nega!

A princípio a porquinha parecia estar enraivecida, tocada de ciúme por causa da cria, mas repentinamente ficou branda. Roncou com ternura. Zezinho viu uns leitõezinhos pretinhos correndo no meio do capim. Pretinhos que até brilhavam.

— Quantos filhotinhos, Maninha?

Coçou a porquinha. Agora ela já sabia que era o seu bom companheiro. O seu dono de estima. A porquinha deitou. Os leitõezinhos foram se desamoitando. Saindo debaixo do monte de capim que a mãe tinha feito para protegê-los contra a chuva.

— Um, dois, três, quatro, cinco, seis. Seis porquinhos, Maninha! Tudo pretinho que nem você, hein!? Tá com fome, Maninha? Tá querendo comer a minha mão. Eu vou buscar milho pra você.

Ficou ainda por algum tempo contemplando a cria. Precisava buscar milho para a porca? E se encontrasse com o pai? Isso é que era duro. Ia chegar de mansinho, sondando bem a situação. Se não ouvisse a voz do pai, é porque ele tinha ido para a roça. Daí era só esperar o momento certo, entrar no paiol, apanhar umas três ou quatro espigas de milho e levar para a porquinha.

Correu para casa numa afoiteza de passarinho fugindo de uma gaiola. Ao se aproximar, encheu-se de desconfiança e passou a caminhar devagar. Os olhos arregalados. Entrou nos matos fechados, onde não havia trilhos e foi parar no fundo do quintal. Ficou ouvindo. Ouviu as irmãzinhas gritando. A mãe também falou alto, mas nada de jeito do pai.

"Ele já foi pra roça e faz e é tempo..."

Subiu beirando a cerca do quintal pelo lado de fora. De vez em quando parava e ficava escutando. Se encontrasse com o pai, era certeza que ia levar uma surra e ser mandado para a escola. Nem era bom pensar em dar de testa com o pai e ouvir o trovão da voz dele.

Passou num vão entre duas lascas ali perto da figueirinha e agachadinho entrou no paiol. Apanhou quatro espigas afobadamente e foi fugindo novamente.

— Mãe, olha o Zezinho carregando milho! — Olivinha gritou. Zezinho pulou a cerca e sumiu.

— Cadê o Zezinho, Olivinha?

— Pulou a cerca e sumiu.

— Você tá sonhando! O Zezinho tá na escola hora dessa.

— O Zezinho correu, mãe — a Sara confirmou. Dona Leonor ficou confusa. O Zezinho!?

— Zezinho! Zezinho!

Ele ouviu, mas não respondeu. Ia abrindo matos no peito. Maninha devia estar com fome e não tinha tempo de vir em casa comer, pois precisava vigiar os leitõezinhos.

Agora sim é que o menino sentia estar embaraçado numa armadilha.

"Vou levar uma surra... Mas não tem importância..."

O importante agora era tratar da porquinha preta que precisava comer muito, pois tinha que produzir leite para sua meia dúzia de crias. Devia esquecer o resto. Estava lutando pelos seus direitos. Estava lutando por aquilo que lhe pertencia.

— Maninha!

A porquinha respondeu com seus roncoss costumeiros. Ergueu a cabeça e farejou. Zezinho farfalhou as palhas das espigas. A porquinha levantou-se e roncou mais agitada.

— Tá aqui o seu almoço, Maninha. Os leitõezinhos correram grunhindo.

— Tuiquinho! Tuiquinho! Corre de mim não, gentinha boba.

Descascou uma espiga apressadamente e jogou perto da porquinha que abocanhou vorazmente. Começou a estralejar os grãos com apetite exagerado. Zezinho sentou ali perto e descascou as outras três espigas. A porquinha comia roncando. Os leitõezinhos foram saindo do esconderijo. Olharam para o menino com desconfiança. Entretanto foram chegando cada vez mais perto. A mãe estava ali e não devia haver perigo.

— Vem cá, tuiquinho. Vem cá.

Agarrou um deles. O bichinho soltou um gritinho longo. Maninha roncou enciumada e o menino até pensou que ela fosse avançar nele. Mas a porquinha mostrou seu ciúme apenas através de gestos. Voltou logo para o milho. Zezinho ficou sentado ali até a porquinha terminar de comer. Depois a porquinha deitou e foi amamentar a cria inteira. O menino aproveitou para afagar os leitõezinhos que mamavam fartamente.

— Peguei ou não peguei, danadinhos!?

Depois os leitõezinhos se fartaram e escapuliram para o esconderijo.

— Agora eu preciso ir embora, Maninha. Sei pra onde eu vou não. Pra casa ou pra escola?

"Ronc-ronc."

— Ah, pra escola!? Então eu vou pra escola. Achou que estava entendendo que a porquinha estava lhe dizendo que ele fosse para a escola. Levantou-se com pesar.

— Tchau, Maninha. Já vou. — Parou. Apontou o indicador direito para a porquinha. — Sabe, Maninha, eu volto aqui de tarde. Logo depois do almoço. Mas eu não queria contar pra ninguém que você tá aqui. Eh, tá coisa. Eu só sei que vou trazer mais milho. Até logo.

No céu azul o sol andava todo luminoso numa fogueira intensa de após chuva. Zezinho foi pensando na vida por um trilho de boi. Ia esperar os irmãos na saída da escola. Dona Vanda não podia vê-lo. Tinha que arranjar uma mentira. Ia contar que tinha ficado no mato com dor de barriga. Ih, mas tinha sido visto pela Olivinha! Certas coisas assim nem era bom pensar, pois não estava achando saída para o caso. Quando pensava no pai, o corpo estremecia como se se preparando para levar mais uma surra.

Já tinha levado tantas surras, ora, mais uma não havia de ser nada. Quando se lembrava das lambadas doloridas, o corpo tremia. Parece que as lambadas cortavam a carne. Foi caminhando pensativo. Estava contente e positivo porque tinha achado a Maninha com meia dúzia de leitõezinhos, mas estava angustiado por outro lado, pois tinha feito mais uma travessura e ia sofrer as consequências.

15

NA ESCOLINHA os alunos estavam inquietos. Olhavam pelas janelas e pela porta aberta procurando o Zezinho. Ele teve o cuidado de ficar um pouco longe, e além disso nos matos beirando o caminho de casa.

Dona Vanda soltou os alunos e foi para a porta. Talvez o Zezinho surgisse dos matos.

— Eu quero saber depois se vocês brigaram aqui perto da escola... — avisou com severidade.

— O Zezinho foi embora, dona Vanda. Ninguém vai brigar — Felipe falou.

— Mas o Valtério e o Orlando vão.— Cabinho falou alto.

— Eu quero saber depois.

Orlando, Chiquinho e Ondina iam lá na frente em companhia de mais alguns meninos. Valtério resmungava um pouco para trás no meio de outros colegas.

— O Zezinho já correu de medo, Valtério. Já medou — um menino falou.

— Correu porque sabia que eu ia macetar o nariz dele. Eu queria pegar ele é agora. Não me importava não de ficar de castigo amanhã não. Eu só queria é vingar.

— Quem corre de medo já amarelou, Valtério.

— Aquele Orlando tá pensando que eu tenho medo dele. Ele é do meu tamanho e eu não tenho medo de moleque nenhum do meu tamanho.

Orlando e os outros iam caminhando sem pressa lá na frente.

— Se ele quiser me pegar, ele que vem. Correndo dele eu não tou.

— Não é você que ele quer não, Orlando. É o Zezinho. Acho que ele quer pegar o Zezinho longe de você.

Valtério não aumentava os passos. As duas turmas caminhavam lentamente, retirando-se da escola. Encobriram-se nos matos. Chiquinho levava o embornal com o material escolar do irmão.

Zezinho saiu dos matos de repente.

— Olha o Zezinho!

— Zezinho! Fugiu da escola de medo do Valtério?!

— Que medo de Valtério!?

— Por que então?

— Ah, precisa de saber, Cabinho!?

— O pessoal é que falou que você fugiu da escola com medo do Valtério. A dona Vanda falou que vai contar pro seu pai.

— Ah, vai tomar banho na soda, Cabinho!

— O Zezinho tava te esperando no mato, Valtério — Cabinho gritou olhando para trás.

— Olhe o Zezinho lá, Valtério!

Valtério arregalou os olhos. Zezinho estava mesmo lá na frente com a capanginha de pedras e armado com o estilingue.

— Tá com o estilingue no jeito pra te tacar uma pedra já.

— Deixe ele vir, uai, deixa. Orlando chamou o Zezinho na fala dura:

— Fugiu de medo do Valtério, Zezinho?!

— Eu não. Dor de barriga... Eu espero ele aqui se ele quiser vir me bater. Vou dar uma pedrada na costela dele.

Pararam. Valtério e a turminha continuaram caminhando. Havia aqueles que procuravam de todo jeito fazer a briga acontecer. O principal deles era o Cabinho. Cabinho era um galhofeiro. Mexia com todo mundo e não era inimigo de ninguém. Tinha recebido esse apelido porque vivia cortando forquilhas para estilingue e chamava as tais forquilhas de cabinhos. Uma vez ele estava com mais de cem cabinhos em casa e mostrou para os colegas. Daí então foi deixando de ser chamado Valdemar e passou a ser conhecido por Cabinho. Até a professora o chamava pelo apelido.

— O Valtério falou que pega é homem com espingarda e tudo. Quanto mais menino com estilingue.

— Mexeu com o Valtério, mexeu comigo. Quem bater nele é meu amigo.

— Mexeu com o Zezinho, mexeu comigo. Quem bater nele é meu amigo.

Gritavam coisas provocantes assim. Cabinho fez um risco no chão e desafiou.

— Quem for homem pisa aqui.

Valtério já estava pertinho do risco e para se avantajear, pisou logo. Zezinho foi e pisou também. A molecada aplaudiu a coragem dos rivais. Mas não se atracaram ainda. Orlando espiava ali de lado. Ondina apanhou um pedaço de pau de aroeira.

— Ih, até a Ondina vai entrar na briga.

— Pra que esse pedaço de pau desse tamanho, Ondina?! Vai matar o Valtério com isso.

— No Zezinho ele não bate — ela resmungou. Valtério olhava para o Orlando e para o resto e dava uma de corajoso. Queria enfrentar todo aquele pessoal. O nariz estava ainda meio dolorido e a vingança era a sua honra. Estava resolvido a brigar mesmo.

— Você não vai entrar não, Orlando.

— No meu irmão ele não bate.

Zezinho estava ali feito um galo índio pronto para enfrentar um carijozão. O estilingue armado com uma pedra. Valtério desafiou:

— Tá pensando que eu tenho medo de estilingue? Tá pensando?

— Tou pensando que você tá pensando?!

— Tou pensando... que você tá pensando, molequinho?!

— Tou pensando que eu tou pensando. Macarrão.

— Macarrão você, mamão.

Valtério falava e olhava para o Orlando. Ele e o Zezinho estavam frente a frente. Zezinho confiava na ajuda do irmão e por isso mostrava mais valentia. Cabinho colocou a mão direita entre os rostos dos dois e falou:

— Quem for mais homem, cospe aqui. Valtério cuspiu primeiro, no exato momento que o Cabinho abaixou a mão depressa. A estilingada líquida acertou o rosto do Zezinho, que deu um passo para trás e soltou uma pedrada nas costelas do inimigo.

— Ai-ai-ai-ai, desgraçado!

Valtério rolou acudindo a dor que lavrava nas costelas. Doía pra cachorro.

— Quebrou minha costela, esse desgraçado! Chorava e esperneava. Zezinho arregalou os olhos. Orlando também olhava com os olhos arregalados.

— Vamo'bora, meninos — Ondina intimou os irmãos.

Enquanto o Valtério xingava e praguejava o quanto podia, os quatro irmãos foram se retirando. Cabinho gritou.

— Quebrou uma costela dele, seo Zezinho. Tá uma mancha rosada.

— Você que provocou, Cabinho.

— Eu não. Não tenho nada com briga de ninguém.

— Vou lá na casa dele contar pro pai dele. Vou mostrar isso aqui. Ai, até começou a marejar sangue. Ele vai tomar mais uma surra. Mas eu ainda pego ele.

Mas o Valtério não tinha coragem de correr atrás do Zezinho a fim de vingar a segunda derrota. Aquele pessoal era doido mesmo. Sabia lá se até a Ondina ia mesmo atirar aquele cacete de aroeira na cabeça dele enquanto ele fosse seguro pelos irmãos? O jeito era contar ao seo Odilo. Ficou para trás resmungando, prometendo vingança.

Agora o Zezinho tinha que enfrentar o pessoal de casa. Pelo menos uma coisa ele esperava: que o pai não estivesse lá.

16

A MÃE olhou espantada. O Zezinho estava chegando da escola com os irmãos!?

— Ué, Zezinho, como é que você explica isso? Pegou milho no paiol e saiu correndo na hora do estudo e agora tá chegando da escola com os irmãos?! Virou fantasma?

O menino jogou um olhar assustado sobre a mãe, engoliu saliva amarga e não disse nada.

— Explica isso, menino.

— Ele ficou no mato com dor de barriga, mãe. Depois do recreio.

— Dor de barriga, Ondina?! Daqui de casa eu já desconfiei de tudo. Ele foi é campear a Maninha. Deve ter achado ela e veio buscar milho. Ah, o seu pai precisa mesmo vender essa porquinha pra parar de confusão. Agora até eu vou falar pro Odilo vender essa porquinha. O Zezinho tá ficando bobo e doido por

causa dela. E o seu pai falou que é pra todo mundo ir pra roça. Os homens. Os três. Pra carregar feijão se tivesse muito sol. É pra almoçar e ir depressa.

Zezinho coçou a cabeça. Era outro lance negativo da sorte. Tinha planejado almoçar e voltar ao ninho da porquinha. Queria levar mais comida para ela. Desafiar o pai e não ir para a roça carregar feixes de feijão era uma doidura.

— E achou a Maninha, Zezinho? — Orlando perguntou.

— Achei não...

— Achou sim. Levou milho pra ela — Sara falou.

— Achei o seu ninho lá no mato.

— Meninos! — dona Leonor ralhou.

Os filhos estavam inquietos. Havia uma tagarelice dentro de casa de passarinhada festiva numa fronde de árvore num pomar.

— E onde tá o ninho dela, Zezinho?

— Vai caçar, Orlando.

— Na hora de te defender do Valtério, eu sou bom, né? Na hora de me contar uma coisa, vira meu inimigo.

— Já tá brigando com o Valtério de novo, Zezinho?

— Né nada não, mãe.

— O Valtério que queria bater nele, mãe — Ondina falou. — Mas também ele levou a dele.

— Onde tá o ninho da Maninha, Zezinho?

— Vai caçar, Ondina.

— Mais tarde eu vou campear ela — a mãe falou.

— Ninguém vai achar ela...

— Que não vai achar o quê, Zezinho. Logo ela aparece aqui atrás de ração.

— Eu já tratei dela...

— Aí, mãe, ele achou o ninho dela e não quer contar pra ninguém.

— Acha que só ele é que é o dono dela, Orlando. — Ondina falou.

— É só eu que sou o dono dela mesmo.

— Vai ser o dono direitinho quando o papai vender ela...

Almoçaram e saíram para a roça. Os três meninos. Zezinho ia danado da vida. Bem podia ter continuado a chover; assim o pai não podia bater o feijão. Atravessaram o trecho de mato, um pouco longo, e saíram nas roças. O pai estava trabalhando muito, sujo de terra e suor.

Zezinho estremeceu ao olhar para o pai. Quando ele soubesse da sua nova travessura, ia ser fogo. Até parecia estar ouvindo os gritos e sentindo as lambadas.

— Vocês vão carregar dali daquele oito primeiro. Zezinho arregalou os olhos para o pai. Afastaram-se os três. Orlando ameaçou o irmão.

— Se você não me contar onde a Maninha deu cria, eu vou contar pro papai que você fugiu da escola hoje pra ir campear ela, Zezinho.

O menino parou e olhou para o irmão mais velho com uma carranca que exprimia revolta. Chiquinho ajudou na ameaça.

— E eu ajudo o Orlando a contar.

— Pronto. Lá beirando a gruta.

Os três pararam e ficaram conversando.

— E quantos leitãozinhos?

— Seis.

— Aposto que quase tudo é pretinho — Chiquinho falou.

— Vai ver que tem algum piauzinho — Orlando disse.

— Tudo, tudo pretinho.

O pai olhou de longe e tacou um grito.

— Tão enrolando o tempo, meninos?! Eu já vou aí com uma vara que vocês aprendem a trabalhar depressa.

Acabou o assunto da porquinha preta e dos leitãozinhos. Passaram a, trabalhar carregando feixes de feijão sem nada de prosinha. Cada um para um lado juntando seu feixe e carregando para o terreiro.

Pouco mais tarde o pai percebeu que o feijão não estava seco o suficiente para ser batido.

— O jeito é parar. Não tá dando pra bater direito não. E se a gente juntar num grande monte e chover de noite, fica pior amanhã.

O pai saiu na frente e os três ficaram conversando. Zezinho planejava correr, passar na frente do pai e ir depressa ver a Maninha. Os irmãos não largavam dele.

— Agora a gente vai lá no ninho da Maninha, Zezinho — Orlando falou num tom de ironia.

— Não levo ninguém lá.

— Eu acho, bobinho. Ando lá beirando a gruta e acho.

O pai pegou outro caminho e os meninos caminharam depressa para casa. Chegaram os três juntos. O sol já tinha baixado muito. Olivinha gritou logo:

— A Maninha veio aqui em casa pra comer e "nóis foi" atrás dela e "achou" o ninho dela, viu Zezinho.

— Cambada...

— A mamãe levou um jaca e pegou os leitãozinho e tá tudo lá no chiqueiro já, viu — Olivinha falou atentando o Zezinho.

Zezinho ficou triste e revoltado. Parecia até que tinham descoberto o mistério do seu segredo que representava a felicidade. Tinham violado alguma coisa que por direito deveria pertencer somente a ele e mais ninguém.

Os irmãos correram alvoroçadamente para o chiqueiro. Ele foi com passos lentos. Enquanto os outros festejavam debruçados na cerca do chiqueiro, ele chegou e se apoiou sobre a cerca muito sério.

— Agora decerto o papai não vai vender ela mais não, né Zezinho? — Chiquinho falou num desabafo.

— Sei lá disso não... Pode levar até pro inferno...

— Um leitãozinho é meu — Olivinha falou.

A mãe caminhou para o chiqueiro e admoestou:

— Você deu uma estilingada no Valtério hoje depois da escola, né Zezinho? Fugiu da escola e voltou só pra brigar, não é? E agora?

— Ele queria me bater, mãe.

— Eu tou sabendo de tudo.

Zezinho desconfiou que a mãe queria bater nele. Da mãe, ele corria. Do pai, de jeito nenhum. Pulou a cerca e foi ficar debaixo da figueirinha. Se a mãe queria bater nele, que dirá o pai. Será por onde estava andando o pai? Por onde ele passasse, talvez chegasse sabendo de tudo já. O jeito era pôr a carne de molho para tomar mais uma surra.

17

COMEÇOU a escurecer e o pai não chegava. Tomara que o pai chegasse mesmo tarde da noite que pelo menos ele passava mais tempo sem apanhar. Estava triste. Estava com o semblante da noite que vai engolindo o dia e se vestindo de luto. Não havia nenhum sabor de encantamento na alma dele. A Maninha estava em casa com os leitõezinhos, mas de que valia tudo aquilo? Até a mãe ia pedir ao pai que vendesse a porca e tudo. Vida besta! Ilusãozinha de menino é não ter direito...

Tomou banho e foi logo para a cama. Acabou de deitar e o pai chegou.

— Cadê o Zezinho? — O menino ouviu o rompante do pai perguntando por ele e estremeceu. Será que ia apanhar na cama ou ia ser levantado para levar uma pisa?

— Já tá dormindo — a mãe respondeu. Parece que havia severidade também na voz dela.-

— Eu precisava acordar esse menino pra dar uma coca nele. A professora me contou que ele fugiu da escola hoje na hora do recreio. E depois brigou com o Valtério e deu uma pedrada de estilingue no menino que machucou de fato, Leonor! Eu vi. Tá roxo e meio azulado no lugar.

— Fugiu da escola pra ir campear a Maninha.

— É agora que eu vou vender essa porquinha mais depressa.

Andou pela cozinha, pigarreou e chamou alto:

— Zezinho!

O menino estremeceu dos pés à cabeça. Uma dor fina no estômago. Algum vazamento querendo escapar-se da bexiga. Decidiu não responder. O pai trovejou novamente, já ali na porta do quarto:

— Zezinho.

— Senhor.

— Levanta pra você apanhar. Eu já cortei uma vara de goiabeira e ela tá aqui comigo pra te ensinar como é que foge da escola e como é que dá pedrada nos outros.

Zezinho sentou-se na cama choramingando. Procurou no chão os chinelões feitos de botinas velhas que usava após o banho.

— Anda depressa, menino.

Pôs-se a chorar mais desatinadamente. O pai estava mesmo com uma vara de goiabeira. Zezinho ficou com dó do seu corpinho. Estava tremendo. O pai viu a figurinha do menino aparecer arrastando aqueles chinelões toscos, uma calça cheia de rasgados ... Meio magro.

— Cadê o seu estilingue?

— Tá ali — respondeu chorando.

— Pega lá pra mim.

Pegou o estilingue e entregou ao pai.

— Você não vai usar mais estilingue. Tomara eu pegar você com um estilingue. Tá pensando que menino é passarinho?

Pegou o canivetão e cortou a forquilha, cortou as borrachas e o courinho da pedra. Zezinho achava que aquilo era só o começo. E aquela vara de goiabeira ali encostada na parede?

— Você deu pra fugir da escola agora?

— Não senhor...

— E como não senhor? A professora não me contou! Você tá mentindo. Tá mentindo pro seu pai?

— Não senhor...

— Tava andando atrás de porca em vez de estudar? Andou fazendo o que fora da escola?

Respondeu com uma enxameação de soluços. Tanto fazia responder como não, ia ser a mesma coisa.

O pai costumava mesmo fazer aquele sermão como se fosse um preparo para a surra. Então que batesse logo...

— Apanhou anteontem e já quer apanhar hoje de novo?

Não respondeu. O pai trovejou:

— Hein, moleque, eu te fiz uma pergunta!

— Não senhor...

— Tá caçando jeito de cair no couro até ficar na cama comendo galinha? Até ficar com o lombo macio. Não é?

Não respondeu. O pai trovejou um rompante outra vez:

— Hein, moleque!? Quer apanhar até ficar comendo galinha na cama? Hein, Zezinho?

— Não senhor — e o choro aumentou.

— Cala a boca — a voz do pai estrondou estremecendo a casa. O menino engoliu o choro alto num soluço. O pai ali com a vara na mão. Zezinho ali todo encolhidinho, trêmulo. Aqueles chinelões rudes nos pés. A camisinha de dormir toda rasgada. A calça também. Parecia até uma covardia o pai, aquele homem forte, oprimindo o filho. O estilingue todo picado. Parece que o pai tinha cortado uma parte do sentimento do filho ao cortar o estilingue dele.

Zezinho resolveu que não ia responder mais nada. Assim era a sina de menino. Menino era bicho sem direito.

— Você vai fugir da escola mais uma vez pra ficar andando nos matos atrás de passarinho e atrás de porco, Zezinho?

Soluçava num chuá-chuá de juriti arrulhando em afagos. Cabisbaixo.

— Hein, Zezinho? — foi outro estrondo.

— Não senhor.

— Eu vou te dar uma surra pra você aprender a não fazer isso mais.

O menino encolheu-se mais. Agora vinham as terríveis varadas.

— Você vai fazer isso de novo, Zezinho?

— Não senhor.

Fechou os olhos. Esperou o zuim-zumbido da vara. A vara não cantou canções dolorosas contra a carne infantil dele. O pai encostou a vara na parede e prometeu:

— Dessa vez passa. Mas essa vara vai ficar encostada aqui na parede pra me contar quando você fizer outra arte.

Ele abriu os olhos. Estava livre da surra. Alegrou-se feito um passarinho canoro em manhãs de sol.

— Vai dormir.

Ché-toc-ché-toc — foi arrastando os chinelões. Noite bonita aquela de repente para ele. As estrelas estrelando o céu em cardumes de constelações. Vaga--lumes enxameando as várzeas. As águas lisas do córrego escorregando sobre o lombo das pedras. Zezinho pensava em tais coisas. E depois a Maninha aparecia nas suas ilusões de criança. Ela seria mesmo vendida?

O MENINO dormiu o sono de quem fez uma travessura e não apanhou. Acordou com o tropel gostoso dos gorjeios dos pássaros acalentando a energia do dia. A beleza da manhã se abrindo num leque de ouro. A verdura da manhã afagando a esperança de todos. E a vida começando a viver simplesmente.

Era um sábado. A fanfarra da farra dos pássaros parecia estar mais enfeitiçada. Mas o pai ia vender a Maninha. Era certeza que a porquinha preta da sua estima iria embora para outra casa. Talvez desse muitas crias por lá. Talvez enchesse outro terreiro de porcos. Isso é que era ruim.

Quando levantou, o pai já estava ordenhando a vaca. O corpinho dele estava se sentindo bem por não ter levado a surra que estivera para acontecer.

"Não vou facilitar mais não...", pensou ao ver o pai carregando o balde de leite.

— Depois da escola vocês vão me ajudar terminar de bater o feijão, meninos. Os três.

Iam para a escola também no sábado. Zezinho ouviu aquilo e já ficou sabendo que à tarde teria que trabalhar.

Beberam leite fervido com biscoito e foram para a escola. Quando chegaram, o Valtério já estava por ali. Zezinho tentou manter-se um pouco afastado. Cabinho se aproximou:

— O Valtério falou que contou pro seu pai ontem, Zezinho. Disse que mostrou o machucado e o seu pai falou que ia te bater. Te bateu?

— Vai pro inferno, Cabinho.

— Então apanhou de novo. Ele apanhou, Chi-quinho?

— Não.

— Como é que o Valtério tá falando pra todo mundo que ele apanhou?

— Tá mentindo.

Depois que a turma entrou, dona Vanda chamou o Zezinho às falas:

— Por que você fugiu da escola ontem, Zezinho?

— ...meio doente.

— Encontrei com o seu pai ontem e contei pra ele. Ele disse que ia ver o que tinha acontecido e conforme o caso, você ia apanhar.

— Acho que apanhou, dona Vanda. Ele deu uma pedrada no Valtério ontem que quase matou o coitado do moleque. O Valtério caiu gritando e esperneando feito cachorro quando leva uma paulada pra morrer.

— Eu devia é pôr os dois briguentos de castigo. Um levou uma pedrada e o outro apanhou do pai. Já receberam o castigo. Tá bom. O assunto tá acabado. — Cabinho insistia em dizer bobagens, mas a professora mostrou severidade e ele calou-se.

Valtério acreditava que o Zezinho tinha mesmo levado outra surra do pai. Então se contentava com isso. Sua vingança já estava realizada. E depois ele

tinha decidido que enfrentar aquela turminha do seo Odilo era dose pra leão. Uma gente doida!

Zezinho estava taciturno. Uma prosinha curta. Ia perder a porquinha mesmo. O pai do Valtério não parecia ter dinheiro nenhum para comprá-la, mas tinha certeza que o pai iria vendê-la para outro.

Depois da escola foram para a roça ajudar o pai na colheita do feijão. Quando chegaram, já encontraram o pai com o serviço quase terminado. Pelas quatro horas da tarde acabaram o serviço. Orlando e o Chiquinho estavam contentes, atirando pedras nos passarinhos. Zezinho não tinha mais estilingue. Tinha sido uma perda irreparável. Ficar sem o estilingue era ficar sem a aventura de caçar. Agora que ele tinha se tornado um caçador completo no conceito da meninada, depois que tinha matado o inhambu... não podia mais caçar.

Toda a molecada já sabia que ele tinha matado um inhambu. Então era um caçador de verdade. Que tristeza não ter mais o estilingue. Lembrava-se que naquela manhã tinha visto os pedaços picadinhos da arma no terreiro. O estilingue já tinha ido para o beleléu e decerto logo ia a Maninha. Ia ficar sem as duas coisas que ele mais prezava.

— Quer dar uma estilingada com o meu estilingue, Zezinho? — Orlando falou. Parece que havia um tom de deboche na voz do irmão.

— Não.

— Pega o meu então, Zezinho. — Chiquinho ofereceu.

— Quero não.

— O papai não tá vendo.

— Mas eu não quero.

— É bobo mesmo.

Zezinho estava emburrado. Não queria sorrir. Não queria caçar com os irmãos. Queria voltar para casa sozinho.

— Ali naquela baixada tem muito inhambu, Zezinho. Vamos caçar lá?

— Vou não.

— Você pode pegar o meu estilingue e dar pelotada nos inhambus. Você já matou um e pode matar outro.

— Já falei que não vou e não vou, Orlando.

— Então vai embora sozinho. Eu e o Chiquinho vamos caçar.

Carrancudamente Zezinho seguiu a viagem de volta para casa. O pai já tinha ido embora. Foi sozinho pela estrada solitária, pensando coisas de criança, mas coisas sérias. Chegou em casa e foi ver a Maninha no chiqueiro. Sentia que a porquinha ia deixando de ser dele. Achou que não devia mais sentir estimação por ela, mas não era possível. Ora, a porquinha era dele. Tinha sido criada por ele. Quando era leitoinha órfã que necessitava muito seus cuidados, era dele. A leitoinha do Zezinho:

"Vai cuidar da sua leitoinha, Zezinho", costumavam dizer. Ele corria e ia cuidar dela. E isso foi um tempão.

Agora que a porquinha valia dinheiro, o pai era o dono dela. Vidinha besta a de criança, meu santo forte! Também de agora em diante não iria criar animal nenhum só para não pegar estima e depois ficar sofrendo feito tonto. Não valia nada se apegar de amor demais por uma coisa. Não percebia direito que tudo vai passando, mas estava desencantado. Ali debaixo da figueirinha, sozinho.

Viu o pai se aproximar do chiqueiro em companhia do seo Anacleto. Agachou-se atrás da cerca. O pai e o homem foram olhar a porquinha preta. Zezinho sentou-se atrás da cerca de modo a não ser visto. Ficou ouvindo. O pai estava negociando a porquinha preta dele com o senhor Anacleto. Escutou direitinho quando o pai falou:

— Ela tava praticamente vendida para o seo Martinho, mas depois o homem não tinha dinheiro nenhum. Era só conversa.

Anacleto soltou um risinho e falou:

— É capaz que "nóis combina", seo Odilo. A leitoadinha tá muito bonita mesmo. Quero comprar, mas não vou pôr defeito.

— Mas não tem jeito de pôr defeito, Anacleto. Olha bem a tralha e vamos pra dentro beber um café. Lá a gente combina sem pressa.

Zezinho não foi visto. Os homens foram para dentro da casa e ele ficou lá todo acachapadinho, sentindo-se um tanto sem valor na vida. Pensou em dar um jeito de matar a Maninha. Podia arranjar veneno e dar para ela. Achou que se a porquinha não podia mais ser dele, não devia ser de mais ninguém. Ficou lá macambúzio no cantinho dele. Depois levantou-se e foi olhar para a porquinha novamente.

Olivinha se aproximou. Nem notou a tristeza decorada no rosto do irmão. Foi falando sem papas na língua.

— O papai tá lá dentro vendendo a Maninha com leitãozinho e tudo pro seo Anacleto, Zezinho.

O menino engoliu saliva sem gosto. Olivinha chegou a se encostar nele e ele não respondeu.

— O papai tá vendendo ela, Zezinho. Pro seo Anacleto. Agora a gente vai ficar sem ela. Eu não queria que o papai vendesse ela não. Eu gosto tanto dela, Zezinho. Eu gosto tanto dela que nem você gosta. Eu já tratei dela tanto. Tomara que o seo Anacleto não compra ela não. O papai falou que tá precisando de dinheiro. Será que é mesmo, Zezinho?

O menino continuava debruçado sobre a cerca, sem responder nada. Olivinha ali toda tagarela.

— Acho que hora dessa o papai já vendeu ela, Zezinho.

— Não amola não, sarna de cachorro.

— Só tou falando que o papai tá vendendo ela agora, Zezinho.

— Eu já sei disso. Tou cansado de saber. Zezinho se afastou e foi tentar ouvir a negociação do pai. Ficou beirando a parede da sala, do lado de fora. Os homens estavam proseando sobre outras coisas. Será que já tinham fechado o negócio então? Desconsolado o menino olhou para o cavalo do seo Anacleto,

amarrado ali no terreiro da sala, mastigando o freio. Decidiu que ia se afastar e esperar o homem no caminho a fim de saber se ele tinha comprado a porquinha do pai.

Zezinho ficou meio escondido no mato. Os homens ainda conversaram por um bom naco de tempo. Depois o menino ouviu os catatapos dos cascos do cavalo castanho no chão. Andou depressa para a estrada.

— Seo Anacleto — o menino chamou com uma voz chorosa e espontaneamente deu com a mão.

— Oi — o homem freou o cavalo.

— O senhor comprou a porquinha?

— Ainda não. Por quê? Tá interessado em vender ela depressa?

— Né não, éééé — começou a gaguejar.

— Fiquei ainda de resolver se compro ou não. Vou pensar. Vou dar a resposta pro seu pai amanhã. Acho que vou acabar comprando.

— É que eu queria pedir pro senhor... — levantou os olhos assustados para o cavaleiro e ficou boquiaberto, nervoso, meio descontrolado, o coração num toc-toc de galope.

— Hã, hein?

— É que aquela porquinha é minha, seo Anacleto. De estimação. Criei ela desde de leitoinha magrinha. A mãe dela morreu e eu criei ela. Foi um pouco até na mamadeira. Sabe. E ela ficou mansinha. Assim que nem cachorra. Sabe... — levou a mão direita na cabeça, enrolou o cabelo castanho, boquiaberto. Parou de falar. Sentia-se meio suspenso. Estava suando.

— Ah, e você não queria que o seu pai vendesse a sua porquinha?

— É — coçou a cabeça.

O homem sentiu uma lamentação profunda na voz do menino. Havia no rosto dele sinais de desolação, desespero. O homem percebeu que o menino estava suplicando alguma coisa usando toda a força do seu sentimento sincero. Sabia que o seo Odilo era um homem durão...

— Então eu não vou comprar a sua porquinha, Zezinho.

— Mas o senhor não pode falar pro papai que eu pedi isso pro senhor. O senhor não fala não?

— Não falo não.

— Não fala pra ninguém?

— É que se ele souber, ele vai te bater, né?

— É.

— Pode acreditar em mim. Não vou comprar a sua porquinha e nem vou contar pra ninguém. O seu pai tem cada mania... Pode ficar sossegado, Zezinho. A porquinha vai continuar sendo sua. Só se outro comprar. Precisa ficar triste não que eu não vou comprar ela. Até logo.

— Até logo, seo Anacleto.

Ficou ouvindo os taticapós do cavalo do homem. Depois silêncio. Acreditou que o seo Anacleto era um homem generoso.

19

OS IRMÃOS chegaram em casa pelo escurecer. Orlando exibia um inhambu.

— Aí, Zezinho, você não quis ficar, olha só que inhambuzão eu matei. Você podia ter matado um também. Hoje eu tava sem sorte. Tirei pena de mais dois e não matei.

— Eu quebrei a perna de um também — Chiquinho falou. E mudou de assunto imediatamente.

— A Ondina falou que o papai vendeu a Maninha com a leitoadinha pro seo Anacleto, Zezinho. É mesmo?

— Sei lá disso não.

Às vezes o Orlando parecia estar contra o Zezinho e então queria ver a Maninha ser vendida; às vezes não. Entretanto, na realidade, ele também não queria que a porquinha fosse vendida. Nenhum dos meninos queria que a porquinha preta passasse para outro dono. Todos eles gostavam dela. Principalmente agora com aquela ninhada de seis leitõezinhos pretinhos, grunhindo festivamente, bonitos.

— Vamos pescar no rio amanhã? O papai vai pra cidade. O Felício me chamou hoje. Vai o Cabinho. Vai o Augusto. Vamos, Zezinho?

— Sei lá.

— A gente pesca e caça. Lá você pode dar muita estilingada com o meu estilingue.

— Mas o Valtério vai também — Chiquinho falou.

— Então eu não vou — Zezinho falou decididamente.

— O Valtério não vai nada, Zezinho — Orlando falou. — Vai eu, o Augusto, o Felício e o Cabinho.

— E eu também — Chiquinho falou alto.

— Tá falando alto, Chiquinho. Sabe que a mamãe não gosta que a gente vai pescar no rio. A gente tem que falar que vai pescar só no corgo.

— É capaz que eu vou também.

Sempre que iam pescar no Paranaíba, iam escondidos. O rio ficava a apenas três quilômetros dali, mas os pais dos meninos temiam que indo pescar, eles acabassem nadando no rio e era perigoso. Do lugar raso, aos poucos iam criando coragem e nadavam cada vez mais longe do barranco.

Domingo cedo Zezinho ouviu o pai dizendo à mãe:

— Vou terminar o negócio com o Anacleto lá na cidade. É capaz que eu já vou pegar um dinheirinho dele hoje.

Zezinho acreditou na promessa do seo Anacleto. Tinha certeza que o homem tinha empenhado a palavra com honra. Naquele dia o pai não ia dar golpe nenhum contra ele.. .

Tão logo o pai saiu a cavalo para a cidade, os três irmãos apanharam as varas de anzóis e conversaram alto para que a mãe pensasse que eles iriam pescar somente ali no córrego.

— A gente vai começar logo ali no fundo, Orlando.

— É, Chiquinho.

— Vamos subir ou descer?

— Subir. Pro lado da cabeceira dá mais peixe quando chove.

Assim mesmo a mãe falou:

— Vocês não vão pescar no rio não, hein?

— Não é no rio não, mãe.

Entretanto já se consideravam homens. Do outro lado do córrego encontraram o Felício com uma latinha de minhocas. Augusto estava esperando mais na frente. Desceram beirando o córrego e encontraram o Cabinho sentado na ponte velha de madeira.

— Então o seu pai cortou o seu estilingue com o canivete, Zezinho?

Cabinho já parecia estar atazanando. Zezinho olhou com azedume.

— Ah, não quero falar nisso.

— Pois eu vou te dar um estilingue de presente. Zezinho olhou para o galhofeiro Cabinho com uns olhos mais amenos.

— O papai não quer ver ele com estilingue de jeito nenhum mais — Chiquinho falou. — Se pegar ele com estilingue, vai bater.

— É só deixar o estilingue escondido no mato e não caçar perto de casa. Agora que o Zezinho já começou a matar inhambu, não vai caçar?! Se fosse comigo não ia ter barriga-me-dói. Meu pai não pode comigo. Eu corro, durmo no mato, hã.

— É porque o seu pai não é que nem o papai. Se um de nós correr do papai, depois ele pega e mata de bater.

— Seu pai é brabo demais mesmo. E a sua porquinha, Zezinho? Ele vendeu?

Chiquinho respondeu primeiro:

— Tá vendendo pro seo Anacleto. Vai terminar o negócio hoje na cidade.

Zezinho não quis discutir o assunto. Mas o negócio não ia ser fechado. Tinha lido no rosto e ouvido na voz do seo Anacleto que ele não ia comprar a porquinha dele. Mas será que era verdade? Será que aquele homem iria levar em consideração o pedido dele? Parou de repente.

— O que foi, Zezinho?

— Nada...

É que no momento ele tinha ficado meio pessimista, duvidando da promessa do seo Anacleto.

— Experimenta meu estilingue, Zezinho. Esse é o melhor que eu já fiz.

Zezinho resolveu experimentar a arma do Cabinho. O estilingue era mesmo bom. Estava com inveja do colega possuidor de uma arma tão boa daquele jeito. E ele proibido de usar estilingue.

— Vai caçando com ele até chegar no rio. Lá no rio eu quero pegar é pomba do ar no jeito. Quero acertar uma pedra no papo ou no pescoço duma e derrubar ela da gameleira lá do porto.

O rio corria com a sua serenidade. Não era muito largo naquele trecho. João-Pescador, o conhecido Barba-Preta, estava no rancho. Ele morava sozinho. Quando não bebia muita pinga, era um companheiro.

— Oi, seo João-Pescador. Não vai dar uma volta no rio com a sua canoinha não? — Cabinho foi falando logo. — A gente quer passear de canoa.

— Só se vocês ficarem quietinhos dentro dela. Ela é muito maneira e se provocar muita gangorra dentro dela, ela vira e depois quem vai pra cadeia vai ser eu.

— A gente promete que fica quietinho. O senhor leva a gente lá em Goiás?

— Levo.

Entraram na canoinha do pescador. Havia dois remos. O homem deixou os próprios meninos irem remando. Zezinho bebia a felicidade das águas, do azul do céu bebendo as águas lá longe. Encostaram no outro barranco. Desceram. Depois voltaram e pescaram alguns peixinhos. Comeram frutas. Quando passaram pelo rancho do pescador, ele já não estava.

— Barba-Preta já foi beber pinga.

Estavam com fome. O sol já tinha virado os ponteiros do meio-dia. Zezinho imaginava coisas sobre o negócio do pai com o seo Anacleto. Sentia algum receio.

Em casa a mãe já estava um pouco ansiosa.

— Vocês foram pescar no rio, né? Nenhum dos três respondeu. Olharam entre si.

— Então aquele pescador não falou por aí não!

— Descemos o corgo, mãe, e quando a gente viu, já tinha chegado no rio.

— É mentira. Vocês saíram daqui já com idéia de ir pescar lá. Eu não gosto que vocês vão naquele rio. Sei que lá é perigoso. Quanta gente já morreu lá!? Tem sucuri. Cai um menino dentro daquele rio e pronto. É até perigoso nem ser encontrado mais nunca.

ZEZINHO almoçou e foi conversar com a porquinha preta. Não gostava que ninguém visse ou ouvisse-o conversando com o animal. Ficava meio tolhido.

— Maninha.

"Ronc-ronc-ronc."

— Tá aí beirando a cerca, minha nega. Olha, o papai foi pra cidade falando que ia te vender, mas eu acho que ele não vendeu não. Eu pedi pro seo Anacleto não comprar você. Ele falou que não ia. Só quero ver se ele é homem de palavra mesmo.

Olivinha chegou pé-por-pé. Zezinho já tinha terminado o assunto mais importante e agora se divertia coçando a porquinha, enquanto os leitõezinhos chafurdavam as tetas da mãe.

— Tá falando o quê com ela, Zezinho?

— Que você tem cara de cavalo.

— E ela entendeu?

— Pergunta pra ela.

— Ih, bobo, eu escutei tudo o que você falou com ela...

— ãh, se você contar pros outros, eu te esganico.

— O que você falou com ela, Zezinho?

— Uai, você não escutou?

— Só um pouquinho.

— Eta menina besta! Vai brincar de boneca, vai. Mais tarde no campo de futebol, estava toda a meninada da vizinhança. Valtério com uns olhos sem chamadas de vingança. Estava se esbaldando de satisfação porque tinha provocado a perda do estilingue do Zezinho e a proibição de uso por parte do pai. Sabia de tudo.

— Agora acabou o caçador de inhambu. Tava batendo papo que ia ser o maior matador de inhambu daqui. Se o pai dele pegar ele com um estilingue agora, vai é apanhar.

— Mas logo o pai esquece disso, Valtério.

— Aquele homem é brabo que nem cobra caninana quando corre atrás da gente pra morder.

O sol boiava por cima dos matos marcando cinco horas da tarde quando o pai do Zezinho passou ali beirando o campo a cavalo vindo de volta da cidade. Zezinho viu o pai de longe. Tentou ler no rosto dele que ele não tinha conseguido vender a Maninha. O pai parecia meio aborrecido, ora, então o seo Anacleto tinha cumprido a palavra.

O menino foi logo para casa. Deixou os irmãos e os colegas no campo e foi tentar saber das novidades. Tinha que ficar negaceando para ouvir alguma coisa. Viu o pai subir do chiqueiro para o terreiro da cozinha com duas espigas

de milho para o cavalo. Ele tinha acabado de soltar o animal e nem tinha conversado com a esposa ainda.

Zezinho ficou por ali pombeando. Não queria ser visto. Quando percebeu que o pai ia entrar em casa, foi para o quarto. Ouviu o pai tirar água do pote e beber.

— Tou danado de fome. Não almocei — o homem reclamou.

— Mas por quê? — a mãe perguntou.

— A gente come uma coisinha aqui, come outra ali, conversando com o pessoal e ninguém convida a gente pra almoçar e pronto.

O pai foi almoçar na hora da janta. Quando o homem sentou-se no banco tosco da cozinha, a Sara tacou uma pergunta:

— O senhor vendeu a Maninha, pai?

— Não. Ainda não. O Anacleto disse que consultou o bolso e viu que o dinheiro ia fazer falta.

— Ih, então a leitoadinha vai crescer aqui em casa. Quem mais vai gostar é o Zezinho.

— Não, vai nada. Eu já tenho outro comprador em vista. Vendo logo. O Ezequiel ficou de vir dar uma olhadinha nela. Falou que tá vendendo um cavalo e quer comprar porco.

No quarto Zezinho ficou feliz com a palavra do seo Anacleto e já com a pulga atrás da orelha com relação ao seo Ezequiel. Tinha de agir logo. Ezequiel era um magricela bom e o menino achou que podia conseguir com ele o que já tinha conseguido com o seo Anacleto.

Os irmãos chegaram do campo de futebol já escuro. Ouviram as novas. Chiquinho perguntou baixinho:

— Então o papai não conseguiu vender a Maninha, Zezinho?

— Ainda não. Mas o seo Ezequiel vai comprar ela.

— É!?

Ezequiel morava perto da escola. Zezinho planejou que precisava conversar com ele naquela segunda-feira de manhã, antes que o homem fosse para a roça. Aprontou-se depressa e foi saindo para a escola.

— Tá com pressa de ir pra escola, hein Zezinho!? — a mãe falou.

— É por causa do pito que levou do papai, mãe.

— Espera os outros, rapazinho. Tá cedo demais.

— Uai, já não tá na hora!?

— Não precisa ir cedo assim não. Nem bebeu leite.

Descuidaram um pouco e o menino fugiu. Foi correndo pelo caminho estreito coberto de matos pelas laterais. Viu a casa de tábuas do seo Ezequiel. Foi chegando com ares de investigador. O homem já estava tratando das poucas cabeças de porcos que possuía.

— Dia, seo Ezequiel.

— Bom dia, Zezinho. Vai pra escola cedo, hein?

— É. A porcadinha do senhor tá bonita, né?

— É, tenho uma magreladinha aí pra dar despesa.

— Mas quando vende, dá dinheiro, né?

— Uns cobrinhos de nada.

— O senhor quer comprar mais porco?

— Por quê? Você tem porco pra me vender? O seu pai é que me ofereceu uma porca com meia dúzia de leitão ontem na cidade. Até falei pra ele que tou vendendo um cavalo e se tudo der certo, é bem capaz que compre. Quer me vender mais algum?

— Não, seo Ezequiel. É que a porquinha que ele quer vender pro senhor é minha.

— Ah, a Maninha que você sempre fala nela?

— É — o menino ficou meio nervoso. Os olhos esbugalhados olhando para o homem magro.

— E você não tá querendo vender a sua porquinha?

— É. Eu não queria não.

Ficou olhando para o homem, esperando que ele adivinhasse o resto.

— E o seu pai quer vender?

— É. Ele quer.

— E se eu comprar a sua porquinha?

— O senhor fica o dono dela...

Falou com uma vozinha trêmula, choramingante.

— Mas e se eu não comprar?

— Eu vou gostar mais.. .

— Gostar mais de mim?

— É. De tudo.

— Então eu não vou comprar a sua porquinha.

— Mas o senhor não pode falar pro papai que eu pedi isso pro senhor não, senão ele me bate.

— Pode deixar comigo. Isso fica só entre nós dois. A porquinha é sua. Eu pensei que fosse outra porca. Aquela é da sua estima. Já ouvi muita gente falando isso.

— Então obrigado, seo Ezequiel.

— Pode ir pra escola despreocupado que eu não vou comprar a sua porquinha não, Zezinho.

O menino foi o primeiro a chegar à escola. Lá estava a casa de tábuas funcionando como escola. Pelos arredores matos e mais matos encapoeirados. O

zunzum das abelhas zumbindo zoando, zoando. O sol soltava sua primeira saudação. Os pássaros peraltavam nas povoações de matos.

Zezinho sentia mais um triunfo borbulhando no seu sentimento e era tangido por uma emoção positiva. Agora planejava que iria conversar com todo comprador que o pai arranjasse para a sua porquinha preta. Mesmo que fosse preciso pedir a mesma coisa a todos os moradores da fazenda. E tinha esperança que todos eles iriam atender ao seu pedido. Assim como tinha confiado no seo Anacleto e o homem tinha cumprido a palavra, tinha certeza que o seo Ezequiel também ia cumprir a dele.

Estava sentindo a vida sob o ângulo da luta. Cada um tinha que lutar muito para conseguir o que queria. A vida não era moleza, mas também só devia ser dureza para os moles. Percebeu que tinha que lutar até o fim. Se não conseguisse, haveria de sair perdendo só depois de muita luta. E assim mesmo com a cabeça erguida.

Estava envolvido por esses enlevos quando o segundo aluno chegou. Era justamente o Valtério. Zezinho se afastou mais para um canto. Valtério ficou do outro lado, dando pedradas de estilingue nuns periquitos fuleiros que se misturavam com a verdura das folhas.

"Tá dando estilingada pra mostrar que tem estilingue e que o papai cortou o meu e me proibiu de andar com estilingue por causa dele. É um bobo mesmo."

Logo os outros meninos foram chegando. O largo da escolinha foi ganhando vida. Daí chegou a professora.

21

NAQUELE anoitecer, Zezinho ouviu o pai dizendo que o Ezequiel não podia comprar a porquinha preta também. O homem não podia vender o cavalo pois era a única condução que tinha.

— Eu pensei que pudesse até trocar a porquinha naquele cavalo. O cavalo dele é muito bom.

— Mas pra porco não falta comprador, Odilo.

Ao ouvir esta frase da mãe, Zezinho percebeu que a mãe já não importava mais com a venda da Maninha e pelo jeito até queria mesmo que a porquinha fosse vendida. Certamente a causa estava nas suas travessuras.

O menino resolveu que precisava apenas ficar alerta. Quando ouvisse o pai dizendo que estava negociando a porquinha com fulano de tal, iria logo fazer o que já tinha feito com o Anacleto e com o Ezequiel. E acreditava que ia conseguir.

— Esse povo aqui da fazenda não tem dinheiro nenhum não. Acabo vendendo essa porquinha pra comprador de porco da cidade.

Aí o Zezinho ficou aborrecido e meio pessimista. À cidade ele não podia ir pedir a ninguém que não comprasse a sua porquinha. Talvez até visse um

caminhão passar apanhando porcos e levando a Maninha com a cria. Estava perdendo a luta?

Ficou alerta. Passaram-se uns dias e o pai não falou em vender a Maninha. Parecia não haver comprador por ali. Os lavradores andavam meio sem dinheiro e todos eles tinham seus porquinhos. Zezinho acreditou que o pai não fosse mais vender a porquinha. Entretanto um dia ouviu:

— Vou vender a Maninha quando for vender uns dez porcos. Aí vendo tudo junto. No mês que vem eu vendo tudo. Fica só a leitoadinha.

Os leitõezinhos estavam com dois meses agora. Seriam desmamados e ficariam sem a mãe. Zezinho tinha amansado toda aquela turminha. Eram três machos e três fêmeas. Cada um tinha seu nome: Cascudo, Tiquim, Tição, Menininha, Toquinha e Pulguinha. De tanto brincar com a leitoadinha, estavam mansinhos que eram uma graça.

— Tiquim, vem cá. Deita, Tição. Deita — os animaizinhos foram ficando mansos que nem a mãe. A meninada gostava muito daquela cria.

22

A VIDA ia assim nesse passo lento, quando depois de três meses que a Maninha tinha dado cria, a peste suína chegou à fazenda matando porcos. O primeiro porco a morrer foi no chiqueiro do Ezequiel.

— Um porco morreu de peste lá em casa — Ezequiel falou entre os conhecidos. Debocharam dele.

— Morreu foi de fome, Ezequiel.

Outros porcos começaram a morrer noutros terreiros. Estourou o alarma. A peste suína estava abocanhando porcos e mais porcos. Odilo falou alto:

— Vou vender meus porcos magros e capados, tudo agora. Já amanheceu um porco morto hoje. É a tal peste.

Montou no cavalo e saiu às pressas para a cidade. Dessa vez a Maninha iria embora mesmo. E se não fosse vendida, certamente seria morta pela peste. Zezinho ficou triste duplamente naquele dia. O pai deveria chegar logo com um caminhão. Nem queria ver a Maninha ser levada para longe. Estava emocionado naqueles instantes que deveriam preceder a chegada do caminhão. O dia reinava de arrasto.

— Vender a Maninha agora é bom pra todo mundo, Zezinho. Se ficar aqui no terreiro é bem capaz de morrer. Falaram que essa peste não perdoa porco nenhum.

— Mas a Maninha ela não vai matar, mãe.

— Quem falou que não?

— Eu que sei.

— Sabe nada, meu filho. A gente não sabe nada dessas coisas. Depois que a peste passar, seu pai compra mais porco e você amansa outra leitoinha pra você.

— Pra ele vender depois, né?

O dia foi assim, nervoso. O sol foi abaixando o vôo do entardecer e nada do pai chegar. Chiquinho veio gritando lá do chiqueiro.

— Um capado já morreu, mãe!

Foram ver. O porco gordo estava deitado beirando o cocho.

— Ih, quando seu pai chegar, já vai sofrer mais.

O homem chegou quando o sol se despedia. Estava taciturno. Zezinho acreditava que o pai não tinha vendido os porcos.

— Vendeu os porcos, pai? — Olivinha perguntou quando o homem desarreava o cavalo.

— Vendi nada.

Dona Leonor já estava na porta da sala.

— Não achou comprador, Odilo?

— Ninguém compra porco de jeito nenhum. Essa peste estourou por aí feito um inferno. Até o governo proibiu venda de porco. Todo mundo fala que a porcada tá toda doente. Agora não sei o que vai ser de nós.

Zezinho gostou porque a Maninha e os leitões iriam continuar no terreiro, mas também não achou bom porque o pai podia levar muito prejuízo.

Era no tempo do frio. Os matos já estavam enferrujados e feios. As folhas amarelavam, murchavam, secavam e caíam. Os passarinhos derramavam suas canções plangentes. Bandos de urubus empretejavam os ares. Empelotavam de negrume as frondes das árvores. Andavam aos trotes pelos pastos e pelas cercanias das casas.

— Zezinho! O Tiquim morreu! Foi o primeiro que morreu da Maninha! — Olivinha deu a notícia.

— Eu vou enterrar ele. Urubu não vai comer ele.

Urubu tinha carniça demais para comer. Os limpadores dos terreiros estavam até enfarados. Era carne demais. Nem precisavam voar longe. Iam aos trotes de uma carniça para outra.

Zezinho enterrou o Tiquim e resolveu ir jogar bola com os colegas. Ele e o Valtério já andavam querendo voltar às boas novamente. Jogaram bola no mesmo time. Valtério gritou o nome dele e ele gritou o nome do outro.

— Passa a bola, Zezinho!

— Aí, marca, Valtério.

Valtério marcou um gol e o Zezinho apertou a mão dele parabenizando. Zezinho marcou um gol e foi parabenizado pelo outro também.

— Essa dupla tá danada. Cabinho falou.

No final do jogo estavam com a amizade atada novamente. Valtério falou:

— Se você for lá em casa, eu tenho um presente pra te dar, Zezinho.

— O quê?

— Só mostro se você for lá.

— Então eu vou.

Foi. Valtério entrou no quarto e saiu com um estilingue de lá.

— É pr'ocê.

— Ah, se o papai me pegar com ele, me dá uma surra.. .

— Anda com ele só escondido. É só ir caçar longe e não chegar com ele em casa.

— Vamos lá pra casa?

— Espera um pouquinho.

Foram. Zezinho estava escondendo o estilingue no paiol quando o Chiquinho chegou afobadamente.

— A Menininha acabou de morrer, Zezinho! Eu fiquei vendo ela espernear, babar e morrer.

— Eu vou enterrar ela também. Urubu não vai ter o gosto de comer ela. Se morrer tudo, eu enterro tudo. Acho que foi essa urubuzada que trouxe essa peste do inferno.

Enterraram a Menininha beirando o córrego e foram chupar cana em companhia do Valtério. Depois saíram.

— Vou tacar uma pedra no papo de um urubu com aquele estilingue que você me deu, Valtério. Vou pegar ele já.

Zezinho saiu apressadamente enquanto o outro ficou esperando ali na beira do córrego. Iam sair os dois quando o Chiquinho apareceu.

— Vou contar pro papai que você arranjou um estilingue e tá andando com ele, Zezinho.

— Esse estilingue é do Valtério, seo mentiroso! Não é, Valtério?

— É. Eu que emprestei pra ele um pouquinho só.

— Mas ele não pode pegar estilingue de ninguém.

— Você tá brabo à toa, Chiquinho.

Zezinho não deu importância ao falatório do irmão mais novo. Caminhou para uma árvore empretejada de urubus e atirou uma pedra no papo de um deles. O bicho cambaleou no galho e vomitou coisas devoradas num banquete. Zezinho tomou a golfada da lavagem nos ombros. Enquanto o urubu meio tonto despencou do galho até uma certa altura, Zezinho saiu correndo para o córrego.

— Marimbondo te ferroou, Zezinho?

— O urubu me vomitou. Aquele feiticeiro!

— Não vem aqui perto de nós não. A gente não agüenta esse cheiro de carniça.

— Ih, credo!

Zezinho tirou a camisa às pressas e jogou no córrego. Tirou a calça curta e mergulhou no poço.

— Bicho fedorento do inferno!

— Foi mexer com o bicho que tava quietinho na árvore.

— Foi essa urubuzada mesmo que trouxe essa peste.

— Foi não, Zezinho. Não ouviu a dona Vanda falando que essa ave é útil. Faz bem pra gente. Tá aí pra limpar a carniça do terreiro.

— Eu tou é com raiva desse bicho que tá feito macumbeiro por aí.

23

O TIÇÃO tá morrendo, Zezinho! Corre aqui! Vem ver!

Zezinho foi. O leitão estava escoiceando, espumando a boca.

— Vou ver isso não. Quero ver ele morrer não.

A noite vinha da cor do luto. Zezinho tinha acabado de enterrar o terceiro leitão da Maninha. Faltavam três. Será que iam morrer os leitões primeiro e depois ela? Suspeitava que sim.

Quando o sol pintava a cara do dia despertando, os urubus estavam lá empoleirados nos galhos. Pulavam no chão e iam banquetear. O festim era fácil. Porcos secavam sem urubus comerem. Era carne demais.

Zezinho caminhou para o chiqueiro. Mais uma leitoinha da porquinha preta parecia estar morta.

"Será que a Pulguinha já morreu, meu Deus!? Ela tá ali esticadinha que nem morta..."

Pulou no chiqueiro e antes de tocar a leitoinha, chamou alto:

— Pulguinha! Pulguinha!

Empurrou-a com o pé direito. Ela estava tesa. "Vou enterrar ela."

Apanhou a leitoinha e saiu pesaroso. Os urubus esticavam os pescoços e ficavam espiando ali perto.

— Tão abusando de mim, safadaiada do inferno?! Eu ensino vocês já.

Pegou o estilingue e atirou pedras no bando. Foi um esvoaçar assustado. A árvore ficou balançando. Escondeu o estilingue novamente e foi para casa.

O pai andava triste, reclamando da vida. Todo mundo estava reclamando, mas de vez em quando faziam galhofas uns dos outros.

— O Ezequiel tinha uma porquinha piau de estimação. Ela amanheceu dura e ele até chorou, rá,rá,rá — estavam disfarçando a dor?

Seo Odilo olhava para os porcos morrendo. Coçava a cabeça:

"Seja tudo pelo amor de Deus!"

— Zezinho, a Toquinha morreu! Não vai enterrar ela não?

— Vou. E vou fincar uma cruz na cova dela...

Outra vez ia o menino enterrar mais uma filha da Maninha. E outra vez lá estavam os urubus espiando com aqueles olhos que o menino julgava agourentos. A revolta dele explodia contra aquelas aves.

— Tão aí fazendo macumba pra Maninha morrer, raça praguejada?!

Atirava mais pedras e as aves fugiam em sibilantes revoadas. O menino tornava a esconder o estilingue e voltava para casa.

Depois de enterrar a Toquinha, foi ficar debaixo da figueirinha. Olhava para os matos amarelados e pensava:

"Só falta o Cascudo agora. Depois dele decerto vai a Maninha. Falei pra mamãe que ela não ia morrer, mas acho que vai sim. Não tem jeito."

Viu a porquinha pastando grama ali perto.

— Maninha! Maninha! Vem cá, minha nega.

A porquinha foi roncando. O menino estava sentado num tronco estendido no chão. A porquinha enfiou a cabeça entre as pernas dele e parou roncando. Zezinho afagou as orelhas dela. Cascudo veio logo também. Ele era o último da cria, ainda ali bulindo nas tetas da mãe.

— Será que o Cascudo vai morrer logo, Maninha? Hein? O resto tudo já morreu e você não chorou, hein? Ou chorou? Deixe eu ver. Ah, chorou sim. Tem jeito de choro no seu rosto. Nos olhos. E você? Vai morrer também? Sua bestinha safadinha. Você não vai morrer não, né?

A porquinha foi se esticando e deitou-se. O menino brincou com as papadas dela, agora um tanto emagrecidas. Vinha chegando a noite. Soprava um ventinho frio. Reinava um céu profundo, parecendo vidrado.

— Vai fazer muito frio essa noite, Maninha. É preciso esquentar o Cascudo senão ele morre de frio.

Eram noites frias e tristes. Os urubus pousavam encolhidos nos galhos. Os porcos se amontoavam uns sobre os outros e os mais magros e fracos até morriam macetados por baixo. Caboclos pobres acendiam fogueiras e passavam a noite inteira ao redor delas. Nas camas não havia agasalho suficiente para evitar o frio.

Cascudo amanheceu macetado. Parecia uma plaquinha de porco no chão.

— O Cascudo morreu, Chiquinho.

— Falei que ele ia morrer logo e você disse que não.

— Mas eu acho que não foi de peste não. Acho que morreu macetado pelo bando que dormiu em cima dele.

— Sabe lá se já não tava morto quando o bando deitou em cima dele?

— Vou enterrar ele assim mesmo. Todo macetadinho daquele jeito.

O último filho da Maninha acabava de ir para a cova. Agora da família só faltava ela. A peste estava por ali feito um monstro invisível matando os porcos. Zezinho pressentia que a hora da sua porquinha preta de estima estava chegando. Só restava um consolo:

"Mas ela vai morrer aqui em casa, sendo minha. Ninguém conseguiu comprar ela. Vou enterrar ela e fincar uma cruz na cova dela. Vai ser ali na beira do córrego. Mas pode ser que ela não vai morrer. .. Deus ajuda."

Maninha não tinha mais filho roncando ao redor dela, chafurdando suas tetas. Os chiqueiros estavam tristes. Muitos porcos já tinham morrido. A peste entrava no organismo de um porco e o matava logo. Às vezes o animal anoitecia macambúzio e amanhecia morto.

Pelo anoitecer Zezinho ia examinar a Maninha. Se ela mostrasse aquele jeito triste de quem está ficando doente, no dia seguinte já podia ter certeza que ela amanheceria morta.

"Ah, ela tá com um jeito sadio. Vai amanhecer morta não."

Passava mais um dia e a porquinha continuava passeando no meio dos companheiros mortos, lameando nos barreiros e dormindo nos chiqueiros desolados. Vinha outro escurecer. Zezinho jogava milho para a porquinha preta e ficava observando o jeito dela comer.

"Tá boa mesmo. Tá com jeito de peste não."

Mas assim mesmo ficava apreensivo no decorrer da noite. A peste podia ter dado uma violenta cutelada e matado a Maninha. Pulava da cama e saía afoitamente para ir ver a porquinha. Ela estava roncando bem vivinha.

— Bom dia, Maninha. A peste não tem força pra te matar. Garanto que ela não vai te matar.

Hora daquela do amanhecer a porquinha não queria saber de tais brincadeiras. Queria saber somente do milho.

Noutro entardecer a porquinha preta estava com um jeito triste. Zezinho estremeceu. "Ela tá perrengando!" Ficou boquiaberto! Os olhos arregalados!

— Maninha. Maninha.

A porquinha não deu sinal de muita alegria. O menino engoliu saliva amargosa. Apanhou uma espiga de milho e foi tratar dela.

— Come, Maninha, come.

A porquinha parecia estar enjoada.

— Sabe de uma coisa, Maninha!? Você tá doente. E se não comer, vai morrer nessa noite, viu. Vai morrer, escutou?

Zezinho estava penando. A porquinha comeu um pouco do milho e se mostrou enjoada.

— Come mais senão você vai morrer.

Ia anoitecendo. Zezinho suspeitava que aquela era a última noite da Maninha. A peste estava invadindo o organismo dela. O menino ficou triste

igual a noite com aquele ventinho frio soprando, soprando... Queria chorar. Queria fugir e ficar sozinho.

Deixou a Maninha no chiqueiro e foi para dentro. Um medo no seu sentimento dizia que a porquinha preta iria morrer naquela noite. O menino achou que não devia falar sobre aquilo com ninguém. Talvez fosse pior. Talvez matasse a porquinha mais depressa.

Deitou e ficou pensando na porquinha. Tinha lutado tanto para conservá-la no terreiro e após tanta luta, a peste estava ali para matar o seu animal de estimação. Percebeu que na vida tudo tem seu tempo de duração. Tudo faz parte da ilusão de uma época. Depois todo mundo perde tudo o que tem. O único ponto de consolo era saber que a porquinha estava morrendo ali sob os cuidados dele e sendo ele ainda o dono dela, pois agora o pai nem andava mais ligando para a Maninha. Ia morrer mesmo...

Foi uma noite de ventos frios, impiedosos. As aves encolhidas. Os urubus arrepiados. Um céu em-pedrado de estrelas. Pela madrugada aconteceu o esfarinhamento da geada. Mais porcos morreram.

Zezinho pulou cedo e foi ver a Maninha. Caminhou com um receio tremendo. Ela devia estar esticada, dura de frio. Mas não, estava de pé.

— Maninha!

A voz dele saiu numa tremura de emoção. A porquinha respondeu com aqueles roncoss conhecidos.

— Você tá aí de pé e forte, danadinha!

24

MANINHA foi ficando. Porcos e mais porcos foram morrendo. Houve casa onde não sobrou nem um para continuar a raça. No terreiro do seo Odilo ficaram cinco. A Maninha e mais quatro porcos, inclusive um gordo.

— Acho que a peste já passou e foi embora — dona Leonor falou.

— E a Maninha não morreu, mãe. Eu não falei pra senhora que ela não ia morrer?!

— Aconteceu.

— Agora ela pode criar e encher o terreiro.

— É, pode mesmo.

A peste passou feito um vendaval que depois do sopro deixa estragos e mais estragos. Havia muitas caveiras de porcos por todos os lados. Odilo falou alto:

— Vendo milho e compro mais porco. A gente tem é que vacinar.

Zezinho se pôs a tratar da Maninha com dedicação exclusiva. Havia muito milho no paiol e mandioca no quintal. Ele estava bastante feliz. Tinha valido a pena lutar e esperar que a porquinha não morresse atacada pela peste. E além disso o pai não falava em vendê-la. Também ninguém queria comprar

porco por ali. Estavam esperando que o tempo se firmasse a fim de se convencerem que a peste tinha mesmo ido embora de uma vez.

Maninha engordou um pouquinho. Estava sendo muito bem tratada. Foi aí que o Zezinho ouviu uma frase violenta do pai:

— Vou matar essa porquinha pra tirar um pouco de gordura e carne.

O menino estremeceu mais uma vez. Matar a Maninha depois que ele tinha lutado tanto e ela tinha sobrevivido ao cutelo da peste?! Isso era inconcebível. Afastou-se de perto do pai e foi conversar com a porquinha preta.

— Maninha, o papai falou que vai te matar pra comer a tua carne. Eu vou te levar pra bem longe. Pode ser até pro outro lado do rio. Você vai?

Zezinho jurava que ia dar um sumiço na porquinha. Naquele entardecer a Olivinha ainda puxou assunto com o pai sobre a Maninha:

— Mas o senhor tem coragem de matar ela, pai?!

— Por que não?

— Ela é mansinha demais. A gente coça ela e ela deita.

— Fica mais fácil pra gente matar. Ela deita e a gente enfia a faca no coração dela.

— E o senhor não tem dó?

— Não tenho dó de porco. Tou comprando uma porcadinha piau que é uma raça colosso. Porco já vacinado contra a peste. Não tem perigo de morrer. Essa Maninha não é de raça boa.

— O Zezinho é que não vai gostar, pai. A Maninha é dele.

— A Maninha é de todo mundo. É de quem comer a carne dela. Do Zezinho é o pedaço que ele comer.

— Mas eu acho que ele não vai comer a carne dela não. Falou que não vai não.

— É melhor pra você então. Sobra mais carne.

Zezinho ouviu aquela conversinha chata. Estava danado da vida. Será quando o pai ia matar a porquinha dele? Naquele noite inventou muitas fugas para esconder a porquinha longe de casa. Finalmente achou que a melhor saída era atravessar o rio e ir para Goiás. Mas atravessar como? Se pedisse ao pescador Barba-Preta que o atravessasse, o homem iria querer saber das coisas direitinho e era certeza que não faria o serviço. Ah, precisava enganar o Barba-Preta.

Bom mesmo era se pudesse pegar a canoinha dele, colocar a Maninha dentro e depois ele mesmo remar e atravessar o rio. Assim ele ia poder soltar a porquinha bem longe. Ia dar um jeito de fazer isso.

Dois dias depois o pai chegou com oito porcos piaus, elogiando muito aquela raça.

— Não gosto de porco preto no meu terreiro. Falam que o bicho traz praga... Por isso é que eu vou matar a Maninha segunda ou terça que vem.

ZEZINHO ficou de prontidão. Cada vez mais ele se envolvia naquele caso e ficava cada vez mais impressionado. Ainda tinha que lutar para salvar a vida da porquinha preta. O pai tinha inventado que não gostava de porco preto e que o bicho trazia praga somente para matar a Maninha.

— O papai vai matar a Maninha segunda-feira, Zezinho! Você não vai mesmo comer carne dela?

— Vou não. Vai amolar os porcos.

— Eu também acho que não vou comer não, Zezinho.

— Então não come, Olivinha.

No domingo o pai foi cedo para a cidade. Zezinho comeu biscoito e não saiu com os irmãos. Apanhou uma cordinha, um embornal onde pôs quatro espigas de milho e foi para o fundo do quintal.

— Vou te levar pra longe, Maninha. Vou te levar até lá no rio e depois você nada pro outro lado.

A porquinha estava deitada e deitada ficou. O menino amarrou a cordinha na perna direita dela e tocou-a. Não podia ser visto. Tocou o animal por um trilho. Alcançou a estrada. Viu um cavaleiro. Deixou a porquinha e entrou no mato.

Havia duas estradas para o rio. A velha, abandonada, e a nova, por onde as pessoas passavam.

"Vou pegar a estrada velha..."

Estava com sorte, pois parecia que ninguém tinha visto a sua fuga. Não jogava milho para a porquinha. Levava também o estilingue que tinha ganhado do Valtério e um embornalzinho com pedras. Ia descalço. Só sabia que queria chegar ao rio e fazer a porquinha nadar para o outro lado. Talvez pedisse ao Barba-Preta que pusesse a porquinha na canoa e a soltasse do outro lado. Se o pescador estivesse no rancho, tinha certeza que ia conseguir isso.

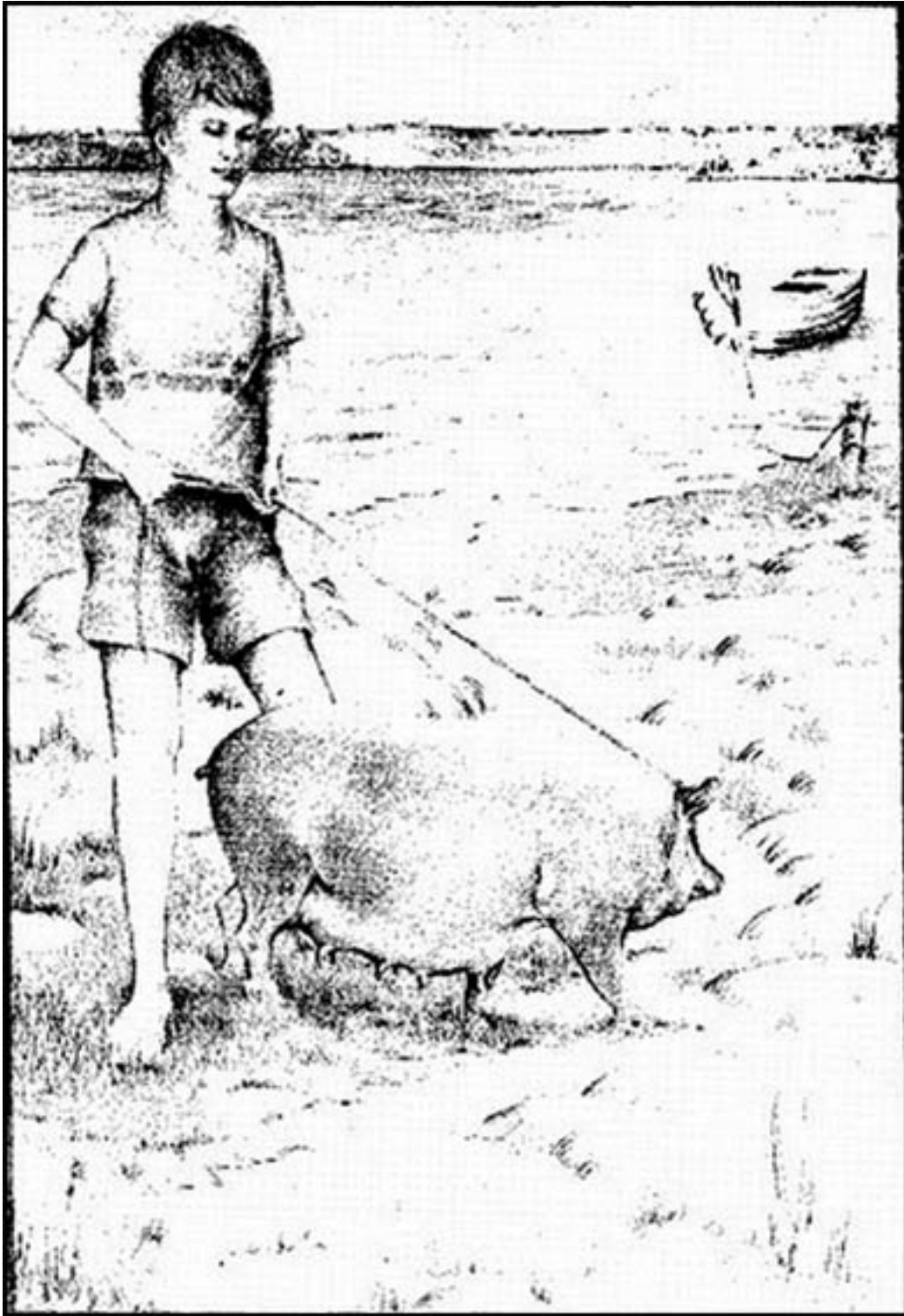
Chegou ao rancho do pescador sem encontrar com ninguém pelo caminho. O rancho estava solitário, vazio.

— Seo Barba-Preta.

Ninguém respondeu. Amarrou a porquinha ali perto do rancho e foi ver se a canoinha do homem estava por ali. Talvez ele até estivesse nela. A canoinha estava escondida onde ele sabia. Sabia também onde o pescador escondia o remo. Tinha ido algumas vezes ali; viajado na canoinha. Até julgava que sabia remar muito bem.

"Vou pôr a Maninha na canoa e levar ela pro outro lado. Já sei remar. A canoinha dele é maneirinha."

Foi uma inspiração forte. Uma inspiração de homem que ele sentiu. Buscou o animal para perto da canoa. Jogou milho dentro dela e chamou a porquinha.



— Entra, Maninha. Se ficar desse lado, o papai vai te matar. Vou te levar e deixar do outro lado. Você não vai ser minha mais, mas o papai não vai te matar.

A porquinha pulou dentro da canoa para comer o milho. O menino estava tão inspirado que nem olhou para o rio direito. Empurrou a embarcação leve e a canoa se pôs ao largo e começou a rodar. Remar ele sabia. Enfiou o remo no volume das águas e foi se distanciando do barranco. Quando percebeu direito

o que estava fazendo, ficou com medo. O rio parecia grande demais. Um peixe deu uma lambada na flor das águas. Será que não era uma sucuri tentando jogar uma laçada nele?

Agora o jeito era enfrentar a travessura maior. O rio não era corrente naquele trecho, mas a canoa foi rodando e ele remando. Maninha estralejava grãos nos dentes. Quando estava no meio do rio mais ou menos, o menino arregalou os olhos. A canoa rodando muito.

A porquinha ameaçou pular no rio.

— Pára aí, Maninha! Fica quieta senão você tomba a canoa. Vou te dar mais milho.

A porca se entrelinha com o milho e ele continuava remando. Nem sabia onde ia sair. Mas a tarefa estava quase cumprida. E nem sabia se ia voltar também. A porquinha deitou e viajou deitada.

Com muito custo chegou do outro lado. Mas não havia jeito de encostar a canoa. O barranco era alto e havia matos. A canoa foi rodando e o menino procurando um jeito de encostá-la num lugar onde pudesse saltar. Viu uma aguada de bois.

"É ali!"

Tentou encostar a canoinha, assustando até uns bois ali perto. Não conseguiu. A canoa se enrascou nuns galhos um pouco para baixo da aguada. Zezinho grudou num galho tentando parar a embarcação. Pisou de lado. Maninha escorregou, pulou no rio e nadou para o barranco. A canoinha deslizou para baixo. Zezinho ficou pendurado com os embornais. Foi puxando-se pelos galhos e molhadinho alcançou o barranco com um medo danado de sucuri e jacaré. Maninha já esperava por ele.

— Tenho que pegar a canoa, Maninha!

A canoa ia se distanciando do barranco, rodando sem parar. A embarcação do pescador Barba-Preta certamente iria embora. E agora, Zezinho?

O menino ficou meio desesperado. Tinha saído uns cinco quilômetros para baixo de onde sempre saíam. E o pai? E o seu pessoal? Maninha parecia satisfeita. Tinha tomado um banho mas estava tudo bem para ela.

— Vou te levar por aí, Maninha.

Havia matos e mais matos. Zezinho sentiu medo da travessura que estava realizando. Tinha certeza que ia tomar a maior surra da vida, pois aquela era a sua maior travessura. Se ao menos pudesse voltar agora e fazer de conta que nem sabia da Maninha. Entretanto não queria deixar a porquinha sozinha naquele mundo.

— Vamos comer goiaba e jenipapo, Maninha?

Apanhou frutas em abundância beirando o rio, comeu e deu à porquinha. O sol quente ia secando a roupa dele no corpo. Depois foi tentar ver a canoa do Barba-Preta. Nem sinal.

Tocou a porquinha por um trilho de gado. A inspiração o levava em retirada e ele nem sabia para onde. Parece que agora queria encontrar uma casa. Descansou perto de uns bois. A porquinha ali perto. A roupa secou logo. Sentiu

um pouco de fome apesar de ter comido muita fruta. Não sobrava mais milho para a porquinha.

Pelo entardecer ele viu um rancho de capim soltando fumaça. Aproximou-se. Viu uma preta socando arroz num pilão. A preta arregalou uns olhos esquisitos para ele.

— Um menino!? — parou a mão de pilão. Zezinho viu jeito de bondade no rosto daquela mulher.

— Dadonde você é, menino?

— Do rio!?

Três negrinhos surgiram dos arredores com o cabelinho meio marrom. Ficaram olhando para o estranho com curiosidade. Havia um menino do tamanho dele.

— Mora aonde, menino branco?!

— No rio...

— Então é gente de peixe... Seu pai anda aonde?

— Longe...

— Fazendo o que pr'essas bandas?

— Andando com fome.

— Veio aqui em casa mode comer?

— É.

— Sozinho?

— É.

— Coisa esquisita. Um menino do seu tamanho sozinho por aqui. Isso não tá me cheirando coisa direita... E o seu pai? Sua mãe?

— Tudo mora longe...

— Longe, aonde?

— Bem longe mesmo. Eu ando é com fome.

— Quer comer aqui em casa?

— Quero.

— Daqui mais um pouco. O João foi caçar e vai trazer passarinho.

— Eu queria ficar aqui...

— Menino branco ficar aqui?

— É.

— E o seu pai?

— Anda muito longe...

— Você entende com o João quando ele chegar.

— Carrego uma porquinha comigo. Posso pôr ela no chiqueiro?

— Porquinha sua?! Onde arranjou porco, menino?

— Ando com ela...

— Vai entender com o João. Aqui onça pega porco. Menino esquisito.

Zezinho teve permissão para pôr a porquinha num chiqueiro velho que havia. Ficou por ali. Os negrinhos foram se aproximando dele como se ele fosse um bicho raro. O menino tacou uma pergunta:

— Saiu do rio com a porca?

— Saí.

Os pretinhos soltaram umas gargalhadas. A preta chamou o Zezinho e deu-lhe um pedaço de rapadura bem preta com requeijão amarelado. Agora o menino estava danado de fome. Ia entardecendo. De vez em quando a mulher olhava para ele com os olhos estatalados.

O sol estava entrando quando o homem chegou com dois jaós e um mutum. A negra falou sobre o menino e o homem olhou para ele com desconfiança.

— O menino mora aonde?

— Bem longe. ..

— Te conheço não. Aqui perto não tem casa. Vai pra onde?

— Sei não senhor.

— Vai querer morar aqui?

Zezinho olhou para o homem. Ele inspirava um pouco de medo.

— Quero ficar aqui. O senhor deixa?

— Mas é esquisito. Você não quer falar. Não conta nada... Tá com medo de alguma coisa. Fica. .. Até chegar gente do seu povo.

A preta fritou carne de aves do mato.

— Será que o menino vai gostar da sua janta, Maria?

— Fome acha bom o que tem.

Foi anoitecendo. Ali naquele pedaço de cafundó era triste. Onça pegava porco. Quase não existia porco por ali. Aqueles pretos tinham umas cabecinhas que pernoitavam no chiqueiro. Ali estava a Maninha.

Zezinho foi dormir sobre um couro de cabrito. Felizmente o frio já não bafejava mais por ali.

26

QUANDO o seo Odilo chegou da cidade, o alarma já tinha estourado.

"O Zezinho fugiu de casa com a Maninha. Deve ter ido esconder ela bem longe." O pai esbravejou seu poder!

— Pego ele e dou uma surra pra ele não esquecer mais nunca. Deve tar por aí. Nalgum vizinho.

— Os meninos já procuraram por aí em tudo quanto é casa e ninguém deu notícia.

— Eu vou achar ele com uma correia.

Foi anoitecendo e nada do Zezinho. Todo mundo procurando. Ninguém sabia do menino. A noite se encorpou de estrelas e nada. A escuridão declarou perigo... O menino devia estar perdido nos matos e o pai ficou preocupado. Alguém deu notícia:

— Vi um menino tocando uma porquinha preta para o lado do rio.

— Vou conversar com o Barba-Preta — o pai falou.

Barba-Preta não estava no rancho. Tinha bebido muito e estava dormindo no mato, beirando o caminho.

O pai estava deveras preocupado. Zezinho devia ter caído no rio e morrido. A mãe começou a chorar. As meninas também.

— A gente acha ele. A gente acha...

O pai estava com uma voz medrosa. Agora a apreensão tomava conta dele. Estava muito escuro e somente grilos e aves noctâmbulas davam sinais de vida beirando o rio. O pai estava arrependido de ter planejado matar a porquinha preta do menino.

— É porque você falou que ia matar a porquinha dele, Odilo!

— É, eu não devia ter falado, Leonor — parece que até havia jeito de choro na voz do pai.

— O Zezinho morreu afogado no rio! Coitadinho dele!

— Acho que não, Leonor! Não fala isso não, mulher!

Foi uma noite de inquietações. Os meninos dormiram, mas os pais não dormiram nada. O pai ficou perturbado, todo dolorido por dentro. A mãe chorou alto a princípio e depois ficou chorando baixinho.

Quando o dia foi clareando, Barba-Preta levantou do seu pouso e foi caminhando para o rancho. Deu de cara com o pai desolado.

— Você não viu o Zezinho meu menino, Barba-Preta?!

— Vi não. Ontem não fiquei aqui. Tou chegando agora. Foi o quê, seo Odilo? O senhor tá esquisito!

— O menino saiu de casa com uma porquinha e parece que veio pra cá. Parece até que entrou no rio e foi embora, meu Deus do céu!

— A gente vai ver.

Foram investigar.

— Minha canoinha foi levada do lugar dela. Tem rasto de porco aqui.

— Será que ele não pegou sua canoinha e foi embora nela não?

— E ele tinha coragem pra isso?

— Aquele menino é...

— Se foi, é coisa perigosa, seo Odilo.

Arranjaram outra canoa e foram investigar. A canoinha do Barba-Preta não estava por ali. Nem num barranco e nem no outro. O menino só podia ter rodado com canoa e tudo e hora dessa já estava morto. Todo o pessoal da fazenda foi ajudar a procurar o Zezinho.

O menino só foi descoberto pelo entardecer, na casa dos pretos. Zezinho estremeceu quando viu o pai. Mas o pai estava diferente.

— Zezinho, meu filho! Que isso!? Ficou doido de sair de casa assim?!

O menino viu o pai com os olhos marejando pranto. Sentiu um abraço diferente daquele homem.

— Cadê a Maninha, meu filho?!

— Tá ali no chiqueiro.

— A gente vai levar ela pra casa. O papai não vai matar ela não. Ela vai ficar no terreiro pra dar cria.

Quinze quilômetros mais abaixo a canoinha do Barba-Preta tinha sido pega por uns pescadores. Mas, não foi nela que a porquinha preta atravessou o rio de volta. Foi numa canoa maior.

A mãe viu o Zezinho de volta com a porquinha preta. Abraçou e beijou o filho num choro dorido. Maninha, da cor da noite, comia milho no chiqueiro dela e o menino sentia que a vida tinha um outro efeito. Será que ele já estava se tornando homem ou simplesmente a grande travessura tinha sido um triunfo nas suas lutas?



FIM